CARLOS PARREIRA

BYZANCIO

O' soleils disparus derrière l'horizon!...

Victor Hugo

Livrarias AILLAUD e BERTRAND
PARIS-LISBOA

Livraria CHARDRON
PORTO

Livraria FRANCISCO ALVES
RIO DE JANEIRO

1920

Ao Fernando Pessôa

o Artista extranho e admi-
ravel

Lembranças affectuosas
do seu muito amº e
admor Carlos Parreira

BYZANCIO

Lisboa, 26-4-920

DO AUCTOR:

A Esmeralda de Nero (edição da "Renascença Portugueza"), 1915.

In memoriam — Santa Rita Pintor — (edição da "Portugalia"), 1919.

EM PREPARAÇÃO:

Bonzos e Bronzes.

Ex-votos.

CARLOS PARREIRA

BYZANCIO

O' soleils disparus derrière l'horizon!...

Victor Hugo

Livrarias AILLAUD e BERTRAND
PARIS-LISBOA

Livraria CHARDRON
PÔRTO

Livraria FRANCISCO ALVES
RIO DE JANEIRO

1920

Antiga Tip. José Bastos — Rua da Alegria, 100 — Lisboa

MON ART, C'EST MA PRIÈRE...

Comte de Villiers de l'Isle Adam

Je voudrais pouvoir en quelque façon rendre mon âme transparente aux yeux du lecteur : et pour cela je cherche à la lui montrer sous tous les points de vue, à l'éclairer par tous les jours, à faire en sorte qu'il ne s'y passe pas un mouvement qu'il n'aperçoive, afin qu'il puisse juger par lui — même du principe qui les produit.

Les confessions — J. J. Rousseau.

Ao ARTHUR RIBEIRO LOPES

Ao Amigo e ao Artista

Muito affectuosamente

CARLOS PARREIRA

I

O CLAUSTRO DAS IMAGENS

AQUELLA VELHA...

E. F., fumador d'ópio, que se suicidou, em elegancia, por meio da estrychnína, minutos antes de deixar a vida, fechou para mim, num envelope, como me promettêra, o seu «testamento litterario». Abri-o. Continha esta historia:

«Aquella velha é odiosa.

Como está um «cangalho», mirrada de *sénium*, ankilosada de vicio, torpêza andante que os arlequins da rua a cada passo granisam de humoradas, ora arremedando-lhe a marcha de côrvo caduco, ora esborrachando-se-lhe na frente, tic minaz nas palpebras de simios, corpos em ansa de *corbeille* historiando curvêtas folionas de galanteio, a offerecer-lhe «dezreizinhos p'r'á murraça»; como está um farrapo, mais desprezivel que cão sem dôno, — as *nóvas* agora que trabalhem, que façam valer o corpo que Deus lhes deu, p'ra sustentá-la, «essa é bôa!».

E o facto é que *as nóvas trabalham*, que as pobres Nanas levam a vida em camisa,— sò p'ra não lhe faltar o sustento.

É odiosa...

Tem uns olhos de verdête, farripas de lanugem russa por cabellos e uma figura longa como esses limos que nos velhos monumentos as paredes esbeiçam e são o *in-memoriam* da Chuva e da Humidade,

Encontro-a muito. Cumprimenta-me: «Como vae o senhor?»

E se por acaso esbóço o movimento de procurar alguma moeda para a soccorrer, toda se formalisa, brilha-lhe nos olhos, instantaneamente, a pédra de jade duma indignação logo contida, espalma o burel enxovalhado das mãos:

— «Não. Muito obrigada. Não tenho fome, graças a Deus. Claro que aceito qualquer trapinho com que me presenteiem. Nós, os pobres não devemos ser soberbos... Uns sapatos usados; qualquer casibéque já posto de banda; as fitas d'um chapéu que até a creada de *madame* se envergonha do trapeiro ir arpoar no barril do lixo; umas luvas de *peau de suède* que Fifi deixou perder detraz da cómmoda, uma noite, de volta dum baile, toda no ar, com o cheiro ainda nas narinas do tabaco loiro que fumava aquelle rapaz que a convidou para

a segunda valsa, e que o gato foi desencantar, passados seis mezes, todas roídas das baratas... tudo faz arranjo. Porque ha-de ter notado: a Mulher, mesmo na miseria, não deixa nunca de ser *coquette*. Aqui, onde me vê, repulsiva e ridicula, uma perfeita aventesma pelada, bôa para fazer afugentar nos milharaes as maquinações dos ratoneiros, que até me adivinha o mau humor dos lebreus sonhando com o halali das caçadas no luar das quintas, em cujo portão costuma esquecer-se a minha nostalgia da Grande Vida; aqui, onde me vê, não sou senhora de passar por um espelho que não deite sempre o canto do olho... *Já não agradar* é a ultima decepção da Mulher, mais atroz, muito mais que o primeiro cabello branco tremeluzindo na agua congelada do seu *oval* de toillete. Quando eu tambem tafulava em setins de Bruges e todas as noites rezava na minha cama de Rás, «com frocaduras de seda fiada» e era a filha unica do opulento comendador *Z*, maniaco incorregivel dos *heroes* da Revolução Franceza, lembro-me que num jantar *de principios*, para commemorar «a data redemptora» do nascimento de Marat, um dos convivas, com uma grande rêpa elegiaca fazendo noite no amarello-tocha da testa, teve esta phrase, a proposito da Lambale: «A Eva comeu a maçã porque nesse acto achou pretexto para

revelar ao seu Adão uma melodiosa elypse de peccado.»

Fazer d'um casco de chapeu, cheio de bossas, d'um pedaço de velha seda amarrotada e d'uma fivéla carcomida de óxido, quaesquer d'esses pequeninos poemas imponderaveis como decorações de ceus, de mar, de tardes, de espuma, que empavézam de Graça as Elsas de oficina, — eis a verdadeira eloquencia da Mulher. Por essas mansardas de téctos baixos, hostís, pesando sobre as almas como tampas de tumulo; d'um ambiente côr de salmão, em que a propria luz do sol parece uma caricatura da mesma luz, por onde entra o luar como uma ave ferida que procura o seu canto p'ra morrer... por essas mansardas costureiras tossem, satisfeitas, o seu ultimo pedaço de pulmão, porque lhes *sahiu* impecavel o pallitó de pelle de carakul-kid preto, forrado de setim malva pállido, encommendado pela actriz ruiva do 1.º andar... sempre, sempre a *coquetterie* ha-de nortear os nossos actos. Não, não. Ouça: eu nunca sinto fome. Não me chega o tempo para pensar *n'ella*. Preoccupam-me outras coisas, lacéram-me outros gumes...

Ás vezes, na horrivel stagnação dos meios-dias de julho, que parece que requeimam a haste immovel do Tempo, quando de todos os

ruidos que se interseccionam, se insultam, se degladiam no ar: mugidos de automoveis, silvos de comboios, raspar de electricos, arquejar de fabricas; a teoria escarlate dos pregões; sereias de vapôres que se aprestam p'ra devassar a sphynge das viagens; falario de visinhas, de janella para janella; as exultações metallicas de uma banda regimental, com o zangarreio dos garotos, ao lado, marcando o passo; as vociferações d'um carroceiro que não consegue fazer levantar *o quer que é* que escabuja no chão, sob a *impassibilidade ancestral* de quem observa... — ressae o teorêma amarello do automatismo feróz e caricatural da Vida; nessas horas amôcho-me p'r' ahi n'um banco de jardim e com o meu quita-sol de riscado e as minhas luvas, *que foram de pellica*, recomeço maluquices que o senhor não imagina...

Quem passa e relanceia os olhos para *o nosso grupo*, comenta, sem rebuço, p'ra eu ouvir: — Raio d'enguiço! Com certeza vae-me sahir desgraça até á noite.

Mas não me dóe... Porque não é a piedade chilreante das arvores que me rodeia e eu já nem sou esta velha *odiosa* (pode pensa-lo: odiosa) que muita gente acusa de viver do «suor» das que andam na Rua da Amargura, só porque as affago, contracturada de angus-

tia ante a sua *miseria*, como dizem os caxéticos da moral...

E' muito longe... Hi, ha quantos annos!

O opulento comendador Z., radiante na sua gravata *thermidor*, em homenagem aos neomessias da Revolução Franceza, celebrava os 15 annos de sua filha Semprónia Augusta... Porque foi que eu, nesse dia, não fiz outra coisa senão chorar pelos cantos, muito escondida, sofucando os soluços no meu lenço de seda de Malines? Porquê? porquê?... Talvez por isto: no meu *boudoir*-Alhambra, todo forrado de tapeçarias do mais autentico *persa*, á espera da velha Severina, que «me havia de pôr como um brinco», quando chegava á janella aberta sobre o oiro-e-cobre d'uma fáia em outubro, ah, meu rico senhor!... P'r'alem, na fita da estrada, passa uma carreta de hospital, d'essas que levam a carne esburgada dos pobres á gula das vallas... Atraz, descalço, um pequenino bronze em farrapos, lamentoso, gesticula; atira-se, desesperado, contra o esquife, a querer abraçá-lo, e na ágatha do ar chegam-me os seus gritos: «O' mamã! mamã!»

— «Minha menina, minha menina» — dizia a Severina, passando-me o pente pelos frócos d'oiro dos cabellos — «coração ao largo... Nós todos sabemos que esta vida é uma cruz,

mais pesada que o madeiro que botaram nas divinas costas do Senhor aquelles malvados lá d'aquellas terras... Mas a minha menina só mais tarde poderá saber o que isto é. Quero dizer: não chegará a aprendê-lo... O sr. comendador tem tudo bem regulado e ainda ha-de comer muito ânho no pingo pelos Nataes...» e mostrava-me, convicta, as magnificencias da alcova: um *guéridon* de marmore, a Niobe de ónix no seu sóclo de lácca verde, minusculos personagens de saxe patuscando pelas *étagères*: «E aquillo e mais aquell'outro... Então, não é nada? Ora, ora... desgostos de quinze annos! São como esses bonécos que as creanças espatifam p'ra observarem o que elles teem lá dentro, e o que é que encontram? o melro branco, que é passarôco que nunca ninguem viu...»

N'um relogio batem trez horas. E eu recordo, recordo... Vêjo a ruga que tinha na ponta do nariz aquelle official dos «Negocios Estrangeiros», tão impregnado do metodismo opáco da sua carteira, que pelo Anno Novo me trazia sempre um molho de gerâneos frescos e um anel «de preço», com as iniciaes — S. A. — em saphyras. O impertigado Eduardo de Odemira, «promettido perpetuo» duma embaixada em Stokolmo, que tinha uma «antipathia profunda» pelo meu *Discurso sobre o methodo*,

de Descartes, vestido de *vermeil* massiço na minha bibliotheca de Boule, chamava-me a «sua Jocunda» e tinha sempre, para me mostrar, muito em segredo, alguma curiosa estampa dos grandes mestres d'outros tempos... Duma occasião, a «Fidalga» fez em fanicos uma d'essas maravilhas de tons justos. Eduardo de Odemira, durante seis mezes, trouxe luto rigoroso pela «nobre victima» e se os acasos da conversa traziam a terreiro «esse attentado», o desolado diplomata puxava do lenço e viam-se-lhe tremer sinceras lagrimas na compunção cinzenta dos olhos.

Quanto á «Fidalga», estiolou-se de remorsos, o que não se cançava de admirar a *Severina:*

— Olhem o animal! Tem sentimentos como a gente... E por um pedaço de cartão, sem importancia, que vae-se vêr, nem servia para embrulhos...

...E são recepções, noites de Opera, audicções de musica de camara, em que Schumann soluça a sua nostalgia d'outros amores, d'outros beijos, que não os d'este vil mundo, grosseiro, pratico, calculista...

Mas o policia de serviço intervem:

— Eh, tiasinha, em que é que cuida? Vá andando, vá andando. Olhe que lhe está a esturrar o refogado na panéla.

E com o meu quita-sol de riscado, as minhas luvas e o meu grotesco, lá vamos os trez, expulsos pela Vida implacavel, do nosso «cantinho» de Sonho.»

N'aquelle banco de *square*, onde eu me sentára para saborear o silencio «côr d'asa de côrvo» da meia-noite e onde ella me abordou sem cerimonia, — aquella velha não parava de monologar. Eram agora bruscas interjeições; invectivas ferozes, supplicas, ameaças a não sei que execravel *sombra* «que a perdêra»; fallou em milhões submergidos em desastradas operações de bolsa; uma majolica florentina, que a prima Carmo lhe trouxéra de Italia, onde passára a lua de mel pelos museus, «lá se foi, tambem, no leilão». «O' mamã, mamã!».

«Mas a maldita creança que não se cala». Olá, carreiro, mais depressa, que os vermes teem fome. «O' mamã!» horrivel, horrivel!»

De repente levantou-se, ajustou o *quico*, maquinalmente, sobre as farripas e, sem me encarar: — «até mais vêr!» Desappareceu no escuro.

PHRASES A PROPOSITO D'UM ONANISTA

Quando *elle* atravessou a rua, direito á paragem, onde eu esperava o electrico para Campo Grande, atraído por um annuncio de exposição d'aguarelas, *F.*, medico, meu antigo companheiro de bancada n'uma vaga cadeira de philologia romanica, do Curso Superior de Letras, subministrada soporificamente por não sei que soporifico sabio á Astier Réhu, *F.*, que me abordára, a saber dos meus nervos, tocou-me o braço:

— Repare em quem ali vem. E' um onanista. Vou apresentar-lh'o.

Mas uma turma impante de patriotas surdia dos lados da Estação do Rocio, sua philarmonica clangorando a afamada *pastiche* keiliana, seu balsão côr de lagarto meio engulido por uma lagosta, desenhando volutas de *sagrados principios* pelo ar. Poviléu acorria de banda a banda a tomar parte n'aquelle cirio laico-barbeiral e uma vaga de saltarélos *radicaes* submergiu o meu onanista.

Estava-se na lua de noivado da transvaluação dos *antigos valores*. Tudo era revindicações, olhares de braza flambando egualitarismos, arruidos fiévrosos de carpinteiragens construindo a jangada em que devia embarcar a «familia portugueza» (brrum!) para a India nova de mais gloriosos destinos (Pam! pif! paf!) e até os creados de café *condescendiam* em abancar mail-os freguezes, com ademanes robespierrêscos. *F.* fixou-me, minutos, desolado e desabelhou espavorido, depois de me soprar com raiva um comentario cruento, respeito ás côres postas em moda.

Mordido pela fascinação das aguarelas, que se cravára em mim com um tentaculismo de incubato, n'aquelle dia não pensei mais na *sua* figura, tauxiada de Raro.

Tres dias além, — um domingo — minha mãe veio acordar-me, trazendo nas mãos flebeis um grande sobrescrito, em que eu descobri logo a letra de *F.*, d'um estylo retórso, entortilhado, que sempre me fez lembrar esses caracteres chinezes que reproduzem as caixas de charão.

Dizia a carta de *F.*:

«Ante-hontem não pude, afinal, contar-lhe a historia, que os seus olhos verrumantes me pediam.

Encontrei-*o* a primeira vez n'um *hall* de animatographo, a olhar extranhamente para

uma especie de Endymion *en guenilles*, d'altura pouco mais de durindana, que zangarilhava por ali, o focinhito magenta-pálido pânicamente precoce, labios escarlates, d'um relevo brusco, como rebordos d'um sacco cheio de malicia e torpitude; olhos silvantes, lucilantes, como bicos de gaz alumiando disputas de *maquereaux* em taberna fumosa; os cabellos d'uma côr chimica de vinho de Málaga, n'uma desordem phantasiosa, como novelo, onde o gato pôz *sa griffe*.

Na parede, do lado da bilheteira, um grande cartaz figurava a scena mestra do *film* em voga: uma *madame* Marneffe, muito zarzuela, passaritando beijos, em plena rua, com grande gáudio do passante disfructador, pela cara *poupine* d'um marica-fédes de gravura de modas, emquanto o marido segue mais adeante, grave e chavelhudo, brandindo o classico guarda-chuva, que o Grotesco põe sempre nas mãos das suas victimas.

Postado ante aquella paysagem *moral*, Endymion admirava *com interesse*, quando um guarda interveio a enxotá-lo.

Vi-*o* hesitante, perplexo entre se devia seguir-lhe na cóla, se deixar-se estar... A timidez venceu, alfim, o Desejo e quedou-se como uma maquette da Desolação, fingindo-se longinquo á brutalidade do goriloide agaloado.

Como é que na noite seguinte nós ambos discutiamos na bibliotheca municipal, a S. Lazaro, com um desbarato consideravel de «você» e «meu caro amigo», sobre o *Banquete*, de Platão, esse a que Oscar Wilde chamou lindamente — a mocidade de Socrates, — eis o que deverá espantá-lo, se n'este esmadrigado mundo, de tão confrangedora mesmice, alguma cousa pode causar espanto. Todavia, nada mais certo.

«Lamentavel, de aspecto magro, a face pálida, flacida, as maçãs salientes, olhos fundidos, sem vivacidade» (vá reparando n'esta successão de palavras tabeliónicas, de nomenclador), eu não podia iludir-me. O que estava ali, defronte de mim, no *hall* de animatographo, era um caso clinico, um onanista caracterisado. Creio que V. me escreveu um dia «que eu tinha morto o Preconceito na sua jaula infecta e estreita e que se alguma vez me apetecesse tutejar, numa soirée de gala, o imperador de todas as Russias, o Grande Urso Branco da autocracia teria de ouvir o meu *tu* familiar, embora eu houvesse de saldar a impertinencia n'uma casamata siberiana». *Pues!...*

Do modo mais natural fui-me até *elle* e, como quem pede lume, contei-lhe a impressão que a sua figura *extenuada* causára no

meu espirito. Disse-me que sim, que era um onanista e n'uma expressão que tanto podía ser de fadiga, como de sarcasmo, accrescentou — que não se lhe dava de repetir *isso mesmo*, em voz de quinto acto, para todas as mezas do *Martinho*. Dataram d'ahi as nossas relações.

Descendo a rua de S. Lazaro, já esquecido o espiritual Platão e as finas gulodices do seu *Banquete*, sob um luar de platina que mediévava a Noite, *elle* confessava-me dever ao onanismo a parte mais lucida da sua Phantasia. Era sempre depois d'alguma *crise*, que a sua Emoção se identificava melhor com os grandes vibrantes do paroxismo estylisado, — *les phares*, como lhes chamou Baudelaire, o divino hemiplégico. Como essas paysagens nocturnas, convulsionadas de Mysterio e Pânico, vistas vertiginosamente d'um compartimento de comboio, que, á luz do sol, á luz serigaita do sol, são incaracteristicos campos de terra lôbrega, planicies mornas, bocejando alguma rara arvore desgraciosa, — *n'esses instantes* tudo se transfigura, se phantomatisa. Não ignorava que havia de acabar com uma bala nos miolos ou n'um *cabanon* de hospicio, espumando coleras, como um mar de quarto mingoante contra penedias hirsutas.,. Deixá-lo! Não trocava *o seu vicio* por toda a saude dos outros.

Perguntei-lhe em que poderia consistir o potencial maximo da *felicidade*, na Hora ruiva dos seus delirios de leão solitario Respondeu-me, lento, voluptuado, como se fosse um alcool que *elle* saboreasse, o som das proprias palavras:

— Ah, meu amigo... é a *visão* da mulher que adorâmos, titubeando, louca, spasmica de luxuria, sob os beijos vorazes do homem que odiâmos...»

Com este detalhe zebrante terminava *F.* a sua carta. Decorreu um anno sem que nos avistássemos nem nos carteássemos, quando de Madrid me chegou um postal seu, «escripto á pressa», em que me participava que *elle* se suicidára n'aquella tarde a um poente de apotheose, que chovia oiro sobre o *Retiro*, atirando-se contra o automovel vermelho da Marqueza de Pontejos.

Fevereiro de 1919.

BALADA HUMORISTICA DOS JARDINS

As cidades — com o pezadelo apocaliptico das suas fábricas, a vertigem dionisiaca dos seus *autos*, o halali exacerbadamente timpânico das suas larvas luxuriosas, fisgando-nos os sentidos pelas mil-patas de sortilegos amavios — náiades de pantano com turbilhões medusinos de cabelos, olhos d'agua noturna ou de bitume; com o ruge-ruge de furia animal palpitando nos olhares e nos gestos; com o escarceu das luzes soltando-se das lojas, dos theatros, dos cafés; com o appêlo subrepticio de sereias a todo o momento vindo das montras dos joalheiros, falando a quem é pobre a linguagem saturneana das tentações, envolvendo-o nos sete circulos dantescos dos sarcasmos, redopiando-lhe de redor da consciencia toda a sorte de sabats motejadores, até que do humilhado faz o ladrão e transforma o boi de charrua em assassino; as cidades com o marulho obsecante do seu *strugle* quotidiano, ora spásmico, ora convulsivo, ora

atroante, rugidor, ora a sincopar-se em haustos de maré-vaza, florindo em outomnos d'algas sobre a areia...; com o exaspero nihilista que nasce da miseria e da injustiça, do triunfo indevido e das riquezas, estadeando o pluvial magestático da sua carniceira petulancia; com o seu horrivel *fascias* de escorchadoras de almas, de sombrias torsionárias do Sonho, onde os crepusculos esculpem no ar uma melancolia de exilados, saudosos dos contemplativos longes das planicies em que se extinguem com teatralidades de reis antigos, á hora em que os montes ajoelham e o silencio é um perfume que embriaga; as cidades com a demoninharia terrifica das suas Noites, espectrando-se nas ruas, nos largos, no recesso dos becos, como a floresta de Birman apparecia a Macbeth, em figurações de fatalidades miticas, vingadoras; as cidades, vinha dizendo, encontram nos jardins o prompto-alivio á sua perniciosa hiper-estesia.

Os jardins são a bondade, o perdão, a graça, os jardins são as sagradas naves, onde todos os que a vida fere no seu gume, todos os que o anonimato hamletisa de incertezas, entram para a estranha missa das alucinações megalomânicas, dos monólogos patéticos *p'ra dentro*, em que a histería é o padre oficiante.

Nas horas acutilantes, cascalhadoras do

sol, ou de noite, quando o vento nas ramagens aveluda plangências de mar alto, elles são a voz aliciadora, envolvente como um braço de mulher, murmurinhando a quem passa, empurrado p'lo crespo sirôcco do seu negocio ou da sua ignominia, da sua traição ou da sua quimera, do seu desespêro ou do seu prazer, dizendo a essa tragi-comica silhueta de polichinelo vampiro, toda em cotovelos, hiper-acustica e hiper-visual, tendo no logar do coração numeros e cifras, a que o Agiota e a Divida apupam a insolvencia, pobre habitante das çapitaes modernas!, catequisando-o a que descance um pouco e entre o *babilage* fantil das folhas cale as terriveis eumenides da sua cobiça e da sua luxuria, mostrando-lhe como a suprema felicidade consiste n'isto: viver perfumando e perfumando morrer, alando-se na espiral apoteótica das primaveras e dezembros — mortes bemditas, sagradas ressurreições!

A diversidade de tipos que em certos dias os frequentam! O picaresco mosaico de habitués, que em horas certas os esmaltam, proprio a accender fusis de humor na pupila mais incapaz de illuminações, a pôr tétanos de verve daumierêsca no mais desenxabido craionador de bonzos-saltarelos, a galvanizar minu-

tos de Forain numa vida enxundiácea de caricaturista pato-marreco!

Quem se dê a percorrer, por esses domingos morrinhentos de Lisboa, que a palpebra descida das lojas fôrra de lugubre e em que inféciona o ar, insuportabilisando-o ás narinas sensiveis, a pasmada stagnação verde-vermelha do democratico lazêr alfacinha, quem se dê a percorrer, com preocupações de observador, o jardim de S. Pedro d'Alcantara, ou o da Estrella, ou o de Santos, ou o da Politéchnica, á certa colhe fornida soma de notas com que turgêça o caderno das suas vagabundas impressões.

E' logo de entrada a mascara de dragão japonez do jardineiro... Que divertido ar senhorial! que inchada pompa Luizinho XIV, de quem se sente o dono *d'aquillo tudo!* Com o boné em alpendre sobre uma testa de polegada, olho sem brazido de papagaio velho, desdens de Jupiter no beiço de gárgula, donde o *brégeiro* baba como um limo, no seu cubiculo como em palacio, elle mira e remira, dos tacões ao feltro, quem ao deante lhe passe, distraido; e nessa analise é terrivel, ferocissimo — ¿quem sabe? sendo o mais das vezes, no «conchego», bom pae e solicito marido.

E a teoria dos que entram desenrola-se:

Ha os que, antes de se sentarem, sacam o

lenço do bolso, amoldam-no em espanejador, com cuidados de boa ménagère limpam a parte do banco em que hão-de ajoujar as pousadeiras, e amozendam depois, ante uma occulta objectiva que elles lá sabem: ha o que avança por uma álea, com ares circumflexos de quem vae ruminando discurso e, de segundo a segundo, pára, como a dizer: Façam favor de notar que eu vou aqui!; majores hidrópicos, de pêlo côr de biscoito indicando tres quartos de uma existencia queimada á chama de enxofre do sol dos trópicos, em exhaustivas campanhas de mulatas, deslisam sob o párasol d'um castanheiro, com pruridos de Napoleão, de volta das Pyramides, passando sob o Arco do Triunfo; ha os que trazem um livrinho...

A «Bonne-Áme» na *Faustin* dizia: — Eu sou o teu vicio honesto.

Por mim confesso — tenho tambem um vicio honesto: o dos jardins.

D'uma vez estava eu com um amigo no da Escola Politechnica, junto ao lago...

Se, como Wilde escreveu, a natureza não faz mais que repetir *effeitos* que os grandes paisagistas deram nos seus quadros, fazia uma manhã de Cuyp, com as tintas loiro-nácar de que elle possuia o encantamento.

Profusamente discordavamos, quando uma senhorita desembocou, sombrinha de cassa em lança rebatida, sob o braço, brochura de Plon Nourrit nos dedos-antenas.

A admiravel, amanhecedora figura!

Busto alto em flexuosidades de plantas marinhas, d'essas que o vento orchestra com sussurros de aza fatigada, olhos de névoa á tarde e um sorriso *por de dentro* da face, como de naiade a escutar um busio, extasiada.

Caminhou para nós e com pipiantes inflexões de nuca sentou-se num banco, ao lado, fazendo menção de lêr o que trazia.

—Ninfa do bosque! segredou-me o meu amigo, enredado ao tempo nos meandros de certa antologia grega; e numa audacia tumultuaria de timido, foi-se até ella, a querer saber «o nome do auctor», n'uma ancia de litteratisar, irremissivel, que, por essa epocha, lhe fazia entrever uma Georges Sand em cada canto.

— Perdão, cavalheiro, retrucou, confusa, a damozel. Eu sentei-me aqui... Não sei o que estou lendo.

A brochura era um signal combinado de entrevista.

A ninfa, coitada, não sabia francez.

Julho de 1914.

CARCEL, MUSICA E MULHERES

(IMPRESSÕES D'UM MISOGINO)

Clemente de S., escriptor, meu amigo, que é em prosa um aquafortista do delirio, especie de Marquez de Sade da emoção estética, Clemente de S. mandou-me as suas minusculas impressões sobre uma audição musical.

São curiosas, ululantes de extranho e desconexo, estralejantes de sarcasmos que se esfibram apoz em chôros de nereide, com periodos que lembram accessos de epileptico e esses neologismos histero-impressivos que amplamente justificam o que alguem notulou á margem d'um conto do meu amigo: «O seu estylo é a sua forma de loucura. A gloria terá menos que vêr com elle que o bromêto de potassio».

Evidentemente, o publico, que tem sobre a leitura este conceito sympathico: *uma cousa que se commette quando não ha mais nada que fazer*, — evidentemente, o publico vae encolher os hombros a esta pequena wagneria litteraria, que me propuz apresentar-lhe.

Deixá-lo. O publico é um não-valor que compra e assigna. Se elle existe é p'ra que revistas d'Arte e livros bellos nasçam e floresçam, telepatisando almas, emoções.

Mas antes de atirar ás feras tão lindo corpo de marmore e penumbra — a sua prosa —, quero dizer algumas palavras sobre uma particularidade inquietante de Clemente de S.

Exprobam-lhe alguns amigos, seus leaes e um pouco estonteados admiradores, o furibundo desprezo pela mulher, sempre patente em qualquer escripto do seu punho ultra-febril; desprezo ardente, celular, bochornando na matinada de certos periodos cinzas convulsas de *dies iræ*, estravasando-se-lhe das phrases como por gorjas de ephebos, eructantes de improperios.

— Um rapaz tão novo! dizem. E cada um treme de se discriminar o motivo que lá entende seja immoral, delictuoso, espadachinante da escadeirada opinião honesta.

Devo observar: eu não compartilho as repugnancias d'esses amigos pelo *misoginismo estético* de Clemente de S. Caso é que a Mulher nunca constituiu verdadeira materia-prima p'ra uma simples óde e sempre me fez sorrir a desmanchada gentilhomeria com que ophideanos moços sahem a terreiro, de soneto em riste, a tagarelar donaires d'uma Maria Chica hemorröidaria.

«Esphinge sem segredo», lhe chamou o forçado de Reading Gaol, o meu apolineo esculptor da Perversão. «Surda-muda do coração e do espirito», justapôz Barbey d'Aurévilly. Strindberg, para esnudar-lhe a estupidez maldosa, fundibulou a sua obra, onde estertóram nervos de catastrophe.

A razão da sua *phobia* confidenciou-m'a Clemente de S., uma noite, passeando ambos as alamedas do Campo Grande, entre as esguias arvores a ramalharem lá-cima plangencias de mar-alto e que a estesia delirante do vento galvanisava de Treva e Medo.

(Vejo-o, ouço-o... a sua voz de claro-escuro, os seus olhos de pedra preciosa... Um luar seminal vinha da Noite, como um relento d'alcova, onde crepitassem incestos—lenha d'oiro!)

Como eu me extasiava, propositalmente, ante a preraphaélitica esveltesa da mulher dandy d'agora, vibrando o halali da carne perfumada á luxuria tabética das multidões e espiritualisando, d'alguma maneira, o fascias hybrido das ruas, elle prendeu o meu enthusiasmo co'a camisa de forças da *boutade*. Esteve minutos a zurzir-me, voluptuado. Depois, como obedecendo a não sei que vulcanea *vis* exhibitoria:

—Sim, você terá razão, mas ouça, ouça...

Se eu as odeio assim com um mau odio que, eu proprio reconheço, chega a ser de *populo*, grosseiro, se, insolentes de vida, me repugnam é porque só as amo sobre um marmore de morgue abandonadas, corpos de martirio que a morte veiu sagrar com mãos d'outomno.

Nunca Phryné alguma, por mais fascinantemente artista, possuiu o segredo que ella tem para transformar uma exaspero de carne livida, formilhante de podridão, n'uma maravilhosa choral de tentações.

D'aquellas palpebras descidas, como crôstas de gelo, sob que jámais luzirá a agua pérfida dos olhos; d'aquelles labios *friamente* desdenhosos, atravez de cuja arcaria vermelha nunca mais ha-de passar a mascarada das palavras embusteiras, mentindo juras de amor eterno, ao luar romantico dos colloquios sentimentaes; da esculptura severa dos seios, aonde d'antes vinham haurir o leite do sofrimento vital, insaciedades tão instintivamente implacaveis de bébés côr de pétala de rosa; de todos esses marmores *dormindo* o seu ultimo e crispado somno, desagréga-se uma teoria *respirante* de gestos, de attitudes, tão estylisada de melodiosas encantações que uma Mademoiselle Mars que a copiasse para os seus jogos de scena accrescentaria de mais algum precioso Holbein as suas collecções de

femme-artiste. Como certos se extasiam nos museus ante a ironia branca das estatuas, eu não falto nunca ás *vernissages* d'esses outros Louvres do Sentimento Humano, encerrando *trechos* d'uma belleza mais significativa, em que *sempre* o *mesmo* esculptor de genio, sombrio e intenso, expõe os seus desváiros de cinzel. Sou infalivel. Todas as manhãs, quando ainda os ultimos resquicios de Noite resistem, emboscados pelos portaes ou fundindo-se ao casacão alvadio d'aquelle pobr'homem, somnambulo, que passa, tossindo, para a sua faina,—vou-me até ás oficinas dos grandes diarios.

Ali, quidam qualquer, rondando «a casa da distribuição», no meu velho ulster d'incognito, em *cache-col* sindicalista, feito com uns restos de estóla, que um meu conhecido, grande revolucionario, roubou, *por propaganda,* a um acólyto da Conceicão Velha, — espero que se derrame sobre a cidade «a historia natural e social» dos seus delictos da vespera.

Uma especie de duende, de cabelos côr de ferrugem, olhos de vinha virgem, vociféra: «ahi tem, freguez», e eis-me a vasculhar o «apreciado orgão», com o frenesi duma creada atirando contra a debandada dos moveis a vassoura refége...

— O presidente abriu a sessão ás duas horas.

Feita a contagem... — passo adeante. — Um vento de insania parece soprar, actualmente, sobre esta desgraçada terra portuguesa, digna de melhor... e o jornalista, á certa, interrompe a jeremiada para cuspinhar com altanaria: «detestaveis, estes cigarros *nacionaes!* O' Paris! Paris!» — realisou-se, hontem, o annunciado casamento de... prendada... sim, *copiou,* aos 15 annos, a retroz, o *lévrier* favorito da Sarah Bernhardt, que trouxe uma ilustração extrangeira. Não imaginam, ficou mesmo... um retráto de familia. — Continuou muito concorrida a exposição de *maquettes* de Pedro de Belinho. Entre outras pessôas, lembra-nos de ter visto: o comendador *B.* Coitado, custou-lhe uma caixa de charutos a inscripção do nome na «assistencia». — O "insigne esculptor„ concedeu-nos a honra de nos pormenorisar alguns dos seus trabalhos... como o droguista da esquina explica as excellencias do seu preparado «infallivel» para affécções secretas e úlceras renitentes.

Mas, subito, leio: «Hontem, ás cinco horas da manhã, ainda lusco-fusco, alguns catraeiros da doca de... viram a boiar... a desgraçada pôz em prática o seu louco intento por motivos que, á hora em que escrevemos, se desconhecem. O cadaver foi removido... para ser reconhecido». Ah, meu amigo, eu perdôo

as «alegorias» de sentina do esculptor Pedro; a grinalda da retratista e a caminho do *estabelecimento*, componho e recomponho os *dessous* da tragedia: ha quinze dias que o senhorio fazia um berreiro de todos os demonios, vociferava ameaças, a pontos de convulsivar na gaiola a mancha loira do canario e pôr em erriçamentos de susto, no *reps* desbotado da banquinha, a aguarela de Mind do «Taréco». Mas, ás duas horas da tarde, veiu a intimativa brutal, assoprada em timbres de ventriloquo, a ponteira da bengala riscando no soalho hieroglifos de sanha: «Rua, rua!» — «Sim, sahirei. Quando lhe devo entregar a chave?» O homem desceu as escadas, compondo no pescoço o *plastron* de pintinhas côr de chocolate sobre um fundo *amitoso*, e resmungando: «verêmos, verêmos!»

Deixou-se cahir n'uma cadeira baixa, p'r'ali como uma «coisa» amolgada, desfeita, inerte. Vagou pela seda humida dos cabellos o ardor das mãos, onde punha uma gota de sangue o rubi do seu annel de primeira communhão. Fôram-se-lhe os olhos, endoloridamente, pelos «objectos familiares» do quarto: a caixa da costura; o candieiro pernalta com o seu *abat-jour* de cartão figurando fugas de borboletas por sobre flamancias andaluzas de papoilas; uma oleografia de «gabinete de lei-

tura», com uma Dona Izabel de nóz moscada, fazendo *mais uma vez* o milagre das rosas; alí, sobre a comoda, entre a jarra d'esmalte azul, presente d'uma «fregueza», as fotographias do «papá e da mamã» pediam-lhe perdão de a terem atirado para o desconforto do mundo, sem outro recurso agora que o seu dedal de platina e os nove gráos das suas lunetas de présbita. Nunca teve uma «inclinação». Os homens são bons para as mulheres ociosas e com receio de que ellas os repudiem transformam na lã mais fina o esparto da sua selvajeria ancestral. O «Taréco» e o canario, eis o sol e o luar da sua existencia miseravel. Ah, se, ao menos, ella pudesse dormir um somno de «cavador d'enxada» no seu pobre leito de ferro!... Mas um vento frio de soluços sacudiu-a toda como um arbusto flexivel. Levantou-se. Desfez, maquinalmente, uma préga na renda da cómoda. Reparou em que a *baguette* da oleografia não estava bem alinhada na parede. Deram cinco horas. «Ia dar uma volta...». Já transposta a soleira da porta, que deixára aberta, lembrou-lhe «qualquer cousa...».

Na mesa de pé de galo, refeito do susto, sobre o pano do bordado, dormia o «Tareco», como um croquis de Hok'sai.

Beijou-lhe o focinhito uma vez, duas, tres

vezes. Na rua, o barulho aturdiu-a, como se tivesse sahido d'um calabouço, depois de longos mezes de enclausuramento.

Dez horas da noite... Porque estava alli, na doca deserta, estupida, sem sensações, como se lhe tivessem esvaziado a cabeça, contemplando o betume da agua, onde corriam reflexos de candieiros, coléricos, silvantes, com essa especie de vitalidade inquietante, que a Noite imprime a tudo o que se move no seu cyclo? Descubro o cadaver e o que eu sinto n'esse momento é tão agudo, tão trespassante que a *crise* vem irremediavelmente...

Tinhamos chegado ao restaurante, no termo da Alameda. Clemente de S. estacou, a espreitar-me no rosto o effeito das suas revelações. Como a noite estava cálida ficámos cá-fóra, na *térrasse*.

— Ah, você é bizarramente um decadente, dizia-me Clemente de S., entre dois copos de *Cointreau* «a que só faltavam algumas gôtas de acido phenico p'ra ter a sensação de corredores de hospital, que povôam os ralos, os gritos, os uivos de pobres diabos lividos que agonizam»; você admitte tudo, *compreende tudo*, comtanto que lhe appareça selado de Raro, que seja aos seus olhos temperamentosamente artista. Você não pode separar o conceito de Belleza da *psychica insanity*,

que inventaram os *cormorans* da pathologia, como uma justificação da superioridade que temos sobre elles.

Alguns, porem, evitam-me. Fogem de mim, como da lepra-sêca... Ainda ante-hontem, á esquina da Tabacaria Costa, o ex-alferes L., que, de resto, é um morphino-mano, mantendo uma «paixão extranha» por Moussorgsky, «com cuja *alma* de genio triste pratíca o spasmo leonino do succubato; elle proprio um alongado soluço musical», — fixou-me com odio, com asco, pôz em mim um destes olhares, onde ha punhos cerrados de incompreensões burguezas, sibilou-me: «necrófilo, infame necrófilo!» e sumiu-se no «puzzle» da multidão...

Seguem as impressões de Clemente de S.

«O branco d'uns dedos frementes, choreicos, telintantes de expressão, como que deformados pelo *torquemadismo* de inexoraveis *compra-chicos*, acordando, n'uma scintillação de anneis, a angulosa *Schéherezade* do *clavier*, — eis o que só devia ser visto da pianista. Com o seu busto de dryade vibrando de todos os mysterios delphicos da Floresta; com os seus olhos de delirio typhico, ella despoja a musica dos seus trajes de virgem hu-

guenote e estende-a, triumphalmente impudica, sobre cochins de brocado escarlate, na attitude da *Maja desnuda*, de Goya.

N'um concerto, o *tintamarre* das luzes, o mosaico das vozes; a nuance vinho velho de Borgonha d'uma fita realçando o «loiro» d'uns cabellos de *gretchen* folhetinivora; o ruido de abelha-operaria que faz um leque acompanhando «o jogo indiscreto» de dois olhares que se entendem, que se buscam, que se fundem e se spasmam; o alabastro d'umas espaduas de mulher que de repente se crispam, como se uma lamina de volupia as trespassasse e o sorriso subtil, aureolado, *cumplice*, d'aquelle sujeito que cruza os braços, como um *diestro* á espera da «funcção»... — tudo *isto* interessa muito mais que *Pelléas e Mélisande*. E louca, como uma ave da Noite que entrasse na sordidez d'uma agua-furtada, a que tapassem todas as sahidas, a emotividade de Debussy bate os vidros, na ancia bronze-tonquim, no exaspero oiro-violeta de fugir, de se exilar...

E' uma paysagem dramatica de Maurice Ravel, o Cuyp do Piano, cuja musica é uma eterna manhã de junho, murmurante de seivas,

nitida de transparencias, em que ha sempre sol... sente-se a agua a chapinar contra o *escabeceamento* rythmico d'uma barca e ouve-se a sua voz d'uma radiosa entonação *verde*, a dizer-lhe lendas, em que ha nupcias de sereias e tritões, combates de Leviathans, suicidios de dragões em grutas de esmeraldas... a alma gravita no azul metaphysico do Sonho... mas um gorgolêjo de fonógrafo desperta-a, escarninhamente: é a minha vizinha de *fauteuil* para uma macáca em seda limão:

—Filha, que mólho de bróculos! Passa-me o «programa». Deixa-me ver que nome deram a *isto*...

Erguendo nos dedos o arco, como um padre a hostia consagrada, o violinista imobilisa-se, pálido *do terrivel e fascinante mvsterio, em que vae ser iniciado*... e é toda a Scandinavía que soluça e réza, que se recorda e ama no góthico-purpura d'uma sonata de Grieg.

Emilio Freire, procurou-me, ha dias, no meu quarto e folheando o meu exemplar das *Pedras de Veneza*, de Ruskin, a quem elle chama «o ultimo dóge», contou-me que ouvira

Schumann, na vespera, n'um chá de familia...
—«Mas um Schumann inacreditavel, um Schumann que arripiaria, no seu reino das sombras, os manes de Clara Wieck, um Schumann, sabe você?... Depôz, lentamente, o meu Ruskin e um instante procurou a palavra justa, gravativa com que fechar, n'uma crepitação de faiscas, a sua fráse: «um Schumann *pot-au-feu!*»

LITANÍAS D'UM ISOLADO

Quem embarque no Tejo e depois de se jogar — títere tonto — entre os abraços obsequiosamente efusivos dos conhecidos, ouça o implacavel *signal*, que alevanta da sensibilidade conturbada a esphinge dramatica da Despedida, colorindo os tam-tans da faina de crocitos, escrevendo no ar, com os novellos chimicos da fumaraça, o fatidico *never more* para toda a illusão; quem, debruçado na amurada do navio, tendo em baixo a agua — sonambula tecedeira de mãos glaucas bordando as rendas célticas da espuma — veja, alfim, sumir-se ante os seus olhos, tatuados de memorias e saudades, a capital magnifica e miseravel, a cidade-megera e enfeitiçante, a embruxada Lisboa das sombras medievas e dos saudosos caes, das rôxas manhãs dezembrinas e dos poentes de folha secca, das vagabundagens nocturnas e dos paradoxos; quem, pelos torcicolos da fortuna, haja de seguir p'r'ás colonias, a cerzir nos rasgões d'uma

existencia sem ámanhã o panno aspero da «profissão», enflorem-lhe o espirito primorosidades de sentir, tenha o pobre combustado os nervos na escruciante officina do sonhar e orgulhosamente vibre ao avésso da anonima jolda commum;—ah, póde dizer-se que o espera a mais deprimente das condemnações.

A viagem ainda o adormenta com o seu tal ou qual de seducção.

No mar alto os occasos têem maravilhosas agonias.

Paisagens de desvairo e sonho, floras d'uma neogótica estranhesa, hiperbórios lagos, por cuja enervância humida hieraticos cisnes boiam, voluptuados, cordilheiras d'uma lunar fluidez, fundos apoteóticos de Gustave Moreau, illuminuras de velhos missaes, aguarellas barbaras do longinquo Oriente, caprichos de barro policromo, ardorosas scintilas de joalharias, estranhos oiros de kakémonos, furnas de coral, esguias torres de menagem, de cujas seteiras rubro-loiras vôa o grito magnifico dos incendios... toda a belleza, todo o mysterio se perfilam e esvanecem nos céus, como essas apparições que os mediums evocam das penumbras.

E sob a perturbante magia da hora pallida é vêr como o infinito plaino fluctuante arfa e arqueja com os refluxos d'um coração na aura

histerica, escorrendo cambiantes de paleta impressionista. Rôxos da mais imprevista tonalidade vão sobre as ondas, vêem, desapparecem e tornam mais além, côr de fosforo e sangue, como feridos de surpreza por algum torvo dragão de azas farpadas.

Já o muhezin das sombras lança no grande silencio concavo o appello soturno da noite.

Murmurios suplices, lascivos soluços, beijos, ais, almas de vozes d'antes escutadas, phrases inteiras de labios adorados vêem da agua funda, produzindo esse côro spasmico de sereias que nas velhas chronicas enlouquecia de amor os mareantes.

Um vôo de som vara o ar, paira um instante, refragendo-se após em estames de lagrimas... E' o homem do harmonium, na prôa, rabuzano maltez, mordido de reminiscencias, traduzindo pelo tropel das notas, saudades do luar das eiras, da musica dos açudes, do aroma honesto dos funchos, do lubrico mel das nectáreas...

As luzes silvam nos globos. Passa uma silhueta de hipopotamo ameno — o encarregado da copa.

— O quê, já a tocar a sineta para o chá?!

Manhã cedo, quando o sol sóbe no espaço como uma chapa de metal em braza viva, é finamente agradavel, estirado n'um banco do

tombadilho, um livro de Kipling esquecido sobre os joelhos, deixar os olhos irem sem pensamento pela linha indecisa do horisonte, emquanto sôam rumores de lida e, perto, uma voz jactitante prelecciona sobre «a melhor maneira de tratar com os pretos».

Mas uma semana volvida, vêmos no boletim do percurso que—só nos faltam duzentas milhas, e «ámanhã, ao raiar d'alva, mais dez minutos, menos dez minutos, estamos fundeados», explica um d'esses embirrativos passageiros, vigessimo-embarcados, conhecendo o itinerario como o *abc*, de gestos hirsutos e bonésinho alvar, um tic patusco no olho esquerdo e grande torqueza falsa carcomendo-lhe aborrecidamente o dedo minimo; d'esses que tudo sabem e a proposito de tudo discreteiam (—«Quem, o Silva? o commissario? Perfeitamente. Já fiz duas viagens com elle no *Malange*... Bom homem mas forreta na comida.» Dadas as doze chamam-nos á parte; acantonam-se n'um banco e, lapis e papel em punho, vão dizendo:—*Fizemos* hoje 316 milhas... Boa marcha. Optima. Falta-nos tanto... já lhe digo... de modo que no sabbado é dizer adeus á boa vida!); d'esses «irresistiveis» que distraem as senhoras, têem de cór todos os repertorios de anedoctas, armam jogos de surprezas, mazurkam com a cadela es-

cocesa do telegraphista e «para alegrar a insipidez da vida de bordo» ensaiam, caracterisam, mise-en-scenam trapalhadas comicas com 4 personagens: a sogra, um marido malsorteado, venus perjura e «eu faço o galã, sr.ª D. Efigenia!»; são os donos ultraciosos de uma cadeira de lona com almofada; vão sempre na 2.ª pagina de alguns d'esses toxicos fasciculos dos romances-policiaes, e, lunch engolido, «a fazer horas p'ró jantar», sacam do bolso um baralhinho de cartas, surrado, mal encarado, cinico, já endurecido nas malas-artes do proprietario, latindo com zumbaias de Aljube: — «E' escolher parceiros, meus senhores; toca a escolher parceiros!»; d'esses estomagos de ferro que «nunca enjoaram» e merecem o rabioso despeito dos creados, porque, invariavelmente, á mesa repetem a sopa, devastam a conserva e levam á gloria o pão e o vinho, encarniçados Átilas do apetite, sagrando-se heroes em pavorosas *razías* de macarrão.

De facto fundeamos... seis horas além do marcado pela prophecia manca do birbante.

Começa então o supplicio para o pobre bisonho lúcido em que falei.

Quantos factores estultos, ferrabrazes, a rarefazerem-lhe o ar da alegria, já de si bem escasso, que respira! a sulfidricisarem-lhe, com

os borborigmos da mais bestial incomprehensão, a athmosphera de sonho em que se move!

E' o nativo, (excepção de cinco ou seis), solerte, vaidoso como a rã que, diz a fabula, estoirou, no inchado filé de querer ser boi, cerebro de cisco, pensando por caretas e deliberando por aforismos, adoptando da civilisação as peúgas e o colarinho, usando aquelas com preocupações tafues de galdêrias do tom, trazendo este com sobrecenhos inquietantes de enforcados, — o nativo que conhece de geographia os kilometros de terra sáfara onde a velhacaria lhe rebentou antes do buço, e o disfarce, a rotina ferrenha, a hypocrisia mascarada de afabilidade lhe vestiram, a trouxe-mouxe, o dominó bailundo de «cidadão civilisado» em que espinoteia; morrendo por saber o que cada um faz: (e para o conseguir lança gadanho de tudo: suborna creados, revolve gavetas, pilha papeis, vilipendia-se) ao saltar da cama qual o primeiro pé que calça, o direito ou o esquerdo? se come carne ou peixe nas sextas-feiras, qual a côr predilecta das suas gravatas, quantos botões afinfa nas ceroulas, os espirros que dá durante o dia, se usa camisola, de lã ou de flanella? de meia manga ou manga inteira? se pára em casa ou se vagueia, o que põe nas cartas que expede, o que dirão os bilhetes que recebe...

Se a colonia é pequena, sem fortes frenesis administrativos, de vida social nenhuma ou circumscripta a linguaradas de comadres sem miôlo, pitadeando o rapé das suas birras e azedumes e a uma liliputiana politica de marionettes, articulada em vozes de animaes — as ruas rétas, sem perspectiva, com alinhavos de lojas catacumbaes e casas anãs, feíssimas de morar, a ausencia das luzes, da multidão, do Ruído intenso, da distincção superiorissima das «certas mulheres que passam», trocada em desoladoras amostras de fauna cosinheiral, cedo transformam o faiscante rebelde de outros tempos n'uma especie de morto-vivo, não vibrando para outra coisa que não seja o nirvanico desfastio de lamentar-se.

Se ao menos o patricio... oh, que mentira!

Tirando duzia e meia o patricio não é melhor que o nativo.

80 % dos lusitanos que o Terreiro do Paço e os Soares e Comandita exportam pelos paquetes da Empreza Nacional são uma companha desajudada de cáco que quanto mais «besta de carga» era no seu bairro, mais se arreia ademanes de Principe de Trebizonda, uma fúrria sem freio, cujas idas e voltas se cifram n'isto: afadistar a lingua, comprometter o parceiro e comprometter-se, chegar a rico, e onde sobreleva a porcaria mental de certos gordos.

De modo que, em extrema analyse, a unica reacção possivel para quem sobrepaire á craveira geral é a do despreso, equivale dizer — isolar-se, pôr entre os pinchos dos outros e o seu «eu» biombos separadores, emfim, como escrevem os Goncourt, viver nobremente no seu queijo.

Julho de 1914.

AQUELLE HOMEM DE "BOX-COAT„

Bateu com os nós dos dedos na pedra da meza;

— José, o do costume.

O creado grunhiu, enfastiadamente, p'r'ó mostrador, onde a patuleia dos copos e garrafas, sobre a cobertura de estanho, punha borborigmos de côres rispidas, acres, timpânicas:

— Um chocolate e um pão com manteiga!

Com movimentos de vacca leiteira, veio com o panno accrescentar uma camada de crássa á porcaría «incorruptivel», que estadeava o rectangulo de mármore. Recidivo, ainda passou a rodilha pela mesa ao lado, sem ninguem e depois de se narcisar na agua encardida do espelho foi apostar-se á porta, á espera que despachassem a mistélla.

— Prompto! rechinou o dono do café, de cabellos em escova e suissas diuréticas, entretidas, como duas ratazanas, a roer-lhe os rebordos de queijo da carranca.

Deposta a bandeja o homem desencostou-se do friso de madeira que corria pela parede, ageitou na bancada um rolo de papeis que trazia e começou a sorver aos góles a bebida, com o ar aburelado de quem se preoccupa mais com a Fada Titánia ou os gelos do Polo Norte, que com o que á roda guincha e farandóla.

Devia ter cincoenta annos. Caréca e barba apostolica. Dir-se-ia um S. Marcos, evangelista, tal como o representam certas estampas de santeiros. Os olhos sem fixidez, como que batendo-lhe sob um implacavel látego de lágrimas, lembravam esses porcellanas Derby-falso, puídas, desbotadas de esmalte, entre um castiçal octangular e uma lampada conventual de latão e cobre, sobre que se accumula todo o pó e todo o bolôr d'um capharnaüm d'antiquario. As mãos d'um desenho *classico* eram duma pelle branca, feminil e a partirem finamente os quartos da torrada, evocavam as que Manet modelou no pizzicato negro-e-rosa do seu *Bon Bock*.

A primeira vez que *o* encontrei foi num café a S. Roque, frequentado por uma clientela heterogenea de cocheiros apopleticos e operarios côr de azebre; quebra-esquinas promettidos da reportagem judiciaria dos jornaes e mulheres *de rumbo y garabato*, esmagriçadas

hiper-tisicas. Batia um quarto depois da meia noite. Na peça estreita que o gaz não conseguia aquecer, tremelicando na sua camisa rota de valetudinario da luz, o creado espulgava-se, debruçado sobre um numero do *Diario de Noticias*. Por unico freguez — aquelle homem de *box-coat*.

Dormitava, e a cabeça de *modelo* oscilava-lhe com um movimento de pendulo, ao mesmo tempo cómico e sinistro. Tiago de Gagos, meu companheiro, chamou-me a atenção p'r'ó *individuo* e revelou-me um detalhe interessante que subitamente lhe acudira.

«Actor rejeitado», como põe, por acinte nos seus *cartões*, marcando «um bom desprezo de sátrapa» por essas glorias mancas que os gonfaloneiros da réclame a todo o momento içam nos theatros, se acontece N. N. syllabar com arreganho: «A senhora condessa pergunta se pode entrar.», ou Fulaninha ganir dextramente: «Eu submeter-me aos seus caprichos, nunca!» — Thiago de Gagos é, na verdade, um essaista d'um poder de intuspecção á Darwin e o seu estudo sobre o *Dynamismo fisionomico das emoções em scena*, tem paginas voadas de orchestrações jamais ouvidas, onde o imprevisto dos conceitos passa com a *cinzeladura* d'um leit-motivo wagneriano. O que elle me observou n'aquella noite ante as oscillações

d'um comico lugubre que fazia a cabeça do homem dormitando, tinha a terrivel belleza d'um *raccourci* de capitulo dos *Contos Phantasticos*, de Hoffmann. E disse-lh'o. Thiago de Gagos trespassou-me um instante com os fusis dos seus olhos, fez o gesto habitual de afastar da fronte larga uma mecha rebelde do cabello *que lá se implantára como um mau pensamento* e na sua voz de maré-vaza affirmou-me — «que mais hoje, mais amanhã, *o seu vaticinio* se cumpriria.»

Alguem empurrára da rua, crespamente, um dos batentes da porta e ficára-se, sem entrar, insistindo com quem quer que era «por que acceitasse qualquer coisa, nem que fôsse um capilé.»

Ao ranger do batente sacudido, o homem despertou e numa ancia levou as mãos ambas ao pescoco, com um «Jesus! Meu Deus!» que era o remate de não sei que livoroso pesadelo, ululante de presagios. Effeito da luz, ou por força dessa caprichosa lei que faz que certas impressões psychicas, quando *panicamente* vividas, se refractem no espaço em imagens *reaes*, o certo é que uma mancha de sangue se lhe alastrou no collarinho, projectada, *talvez*, pelo licor de cereja da garrafa que tinha na frente.

Mas como quem quer que era não acceitára

«nem um capilé», o batente rangeu de novo, mostrando uma grenha á vercingetorix sob uns restos de chapeu de feltro pre-adamita, que salvou cavamente e foi sentar-se na meza do fundo, com essa expressão que tem o bebedor d'*O absinto*, de Degas: *de fulminado pela bohemia*, como outros são fulminados pelo raio.

Thiago de Gagos fazia-me agora o panegyrico de Euphemia d'Agilde, pintora, d'um impressionismo á Renoir, amorosa, como elle, das miragens da luz e d'esse crepitar de biliões de elytros d'ouro, que ha n'um raio de sol entrando pela frésta d'uma janella. Tinha descoberto os seus quadros, no ultimo outôno, n'uma galeria particular e procurára uma apresentação. Palliducha, uns olhos enormes como poços de sombra e risca masculina nos cabellos d'um ébano doente.

Vivia, entre as suas litographias de Deveria e as suas madonas do *quatrocento*, n'um vasto *garni*, que lhe servia de atelier, p'r'ós lados da Lapa, todo forrado de cartazes de Chéret,—«*calembourgs* pintados», na sua definição vincante — e fazendo musica mediúnica de Dvorak, nos intervallos da faina, para galvanizar de Infinito os seus pinceis...

Como Barbey d'Aurevilly vestia casaca para escrever, Euphemia d'Agilde só trabalhava em

peplum de purpura, as mãos silhuetando-se-lhe, como Brunehildes, na labarêda de todos os seus anneis...

E n'estes jogos floraes de cavaco, o homem do *box-coat* deixou o café sem que eu notasse a sua sahida. Encontrei-*o* uma outra vez, num caes deserto, ao vir da manhã, absorto na arquitectura bizarra das mastreações. Na turqueza do ceu o sol vinha subindo como um resplendor sugerindo a presença de Deus no silencio-platina das catedraes. E sob o influxo do Milagre luminico a trança baça do rio toucou-se de reflexos rubro-oiro-perola. A barba apostolica resplandecia, mas no branco amitoso do collarinho o que é que se nitidisava?... — a mancha de sangue da minha *alucinação* no café zanaga!

— «Ah, meu Deus, meu Deus!» — Na modorra do café, onde punha um zumbido de moscardo a respiração silvante do gaz, aquelle grito passou com uma scintilação álgida de navalha, vibrada em rixa cruenta, sob um lampeão de encruzilhada; e com *o mesmo* gesto de indizivel ancia, o homem levou as mãos ambas ao pescoço, *onde agora era positivo que se espalhára um sangue espesso, em coálhos de rubis...*

Como davam 11 horas sahi a procurar Clemente de Silvares, que me promettêra, para a meia noite, um «deboche litterario» n'um gabinete «serigaita» do *Paris*, com André de Villa Nune e Emilio Freire.

Com uma photographia da Duse, mimando o Remorso de Lady Macbeth, dias depois recebi uma carta d'arte de Thiago de Gagos, em que elle me comunicava, em *post-scriptum*, que aquelle homem do *box-coat* tinha sido encontrado na vespera, no seu quarto,—«um cubiculo infecto de trapeiro»—com a cabeça *eruditamente* separada do tronco.

Realisára-se, *emfim*, o vaticinio do meu «actor rejeitado»:

— *Você vê aquelle homem? — Ainda ha-de servir de pretexto para uma obra-prima de assassinato...*

Dezembro de 1918.

O SENTIDO DAS MÁSCARAS

Na loja, onde eu entrei a comprar não sei que aliciadôra bugiganga, vi aquella máscara d'um enfarinhamento cemiterioso de *clovn*, a bocca vermelha em coração, nariz em bico de tamanco, olhos vazios. P'r'alli, sósinha, unica *sobrevivente* d'um grande sortimento de carrancas, «em quem ninguem pegava, meu caro senhor!» — parvolejou o caixeiro, ganimédicamente, — aquella máscara de cartão banal fez-me lembrar essas pobres mulheres que passam nas ruas, com uma mantilha esfarripada, uns restos de chale esvazando-se-lhes magramente dos hombros murchos, *essas pobres mulheres em quem ninguem repara...* e levei-a com a bugiganga.

Pendurada na parede do meu quarto, entre uma *fantasia*, de Willette, o creador do Riso *ascético*, do Humorismo pungitivo e uma reproducção do *Portrait de Jeune homme*, de Prudhon, quantas vezes, envoltos ambos no burel de penitente do anoitecer, a minha me-

lancolia dialogava com ella sobre a inanidade da vida, dos sonhos, dos gritos, das cóleras e de todo o erguer de mãos para a Ventura!...

Mas quero contar-lhes as *reflexões* que, n'um domingo de entrudo, ouvi dos seus labios besuntados de vermelhão, á hora em que o sol morria nas vidraças, em convulsões de cobre e ouro e sevandijavam as ruas os guinchos gorilêscos da gentana alforriada da escravidão da fabrica e do escriptorio. Eu refugiára-me com os meus livros d'aquella kermesse barbara em licença de vinho cerval, refugiára-me com os meus livros — os meus bons mestres do Desprezo: meigos uns, amanhecentes, como que aureolados d'um clarão do sol da Hélade, outros violentos, petroleiros, d'uma pânica idyosincrasia, amotinando frases ululantes de revindicta, como Théroignes de Méricourt da Expressão; todos elles, bysancialmente, curbaturados d'uso... e lembro-me que meditava sobre um *essai* de Paulhan vislumbrando o angulo *moral* da Ironia, a que Clemente de Silvares chama o Ariel dos Sensiveis e o Caliban da *gente pratica,* quando a sua voz, uma voz branca, imaterial, *uma voz de velha seda amarrotada*, que parecia intensificada do começo de sombra que mousselinava pelo quarto, quando *a sua voz me persuadiu* a escutá-la:

«N'este momento milhares de mascaras,

desenxabidos pedaços de encerado ou de cartão, como eu sou, que ageitaram em toda a sorte de visagens e carrancas dedos instinctivos de operarios conformistas, assobiando algum d'esses eczemáticos estribilhos que as revistas d'anno depositam, para sempre, na memoria anti-artista das multidões; n'este momento milhares de mascaras servem á tonta humanidade a illusão dourada de poder *desintegrar-se*, de poder evadir do carcere infecto do individuo social, amalgâmico, o seu ser intimo, cósmico, natural, *anterior* ao codigo, á patria, aos compromissos d'honra, ao *dever*, á premeditada indulgencia dos amigos e á enervancia impia d'uns olhos crepusculosos de bem-amada; a sua lazarada *psyché*, grotesca n'uns, n'outros sublime, escrevendo a *Comedia Humana*, ou vendendo bonecos de Santo Aleixo n'uma *fête foraine*, sob um toldo de riscado, entre os bérros de energumeno da luz do sol; vencendo em Austerlitz ou delirando, n'essa especie de *quase-morte* vertiginosa, abyssal, que é o spasmo dos onanistas... pobre *psyché*, que um cáos horripilante de fórmulas, de theorias, de preconceitos aceites, de obrigações transmittidas, de interdicções contra-vitaes, de açaimos lesa-celulares, estorcéga, esborracha, estracinha, espatúla durante os 365 dias do anno!

E é vêr: circunspectos autores de «memorias» que nada memóram, ou de substanciosos tratados sobre a origem dos atilhos de ceroulas, ei-los escolhem no primeiro guarda-roupa o que *melhor* lhes vae: um *costume* de gato-pingado.

Jornalistas atrabiliarios, envelhecidos na faina de esbofetear a Mentira em corpo-12 romano, ah, como luzem, jubilosos, na sua *verdadeira* pelle de moços de fretes! Generaes de brigada, reformados, dariam doze mezes da pensão só p'ra poderem vestir de chéchés e ostentar no bicorne a mal-cheirosa palavra, que, quem sabe? seria uma syntese lúcida da sua biografia *guerreira*. Gerifaltes do nobiliario encantam os parentes zurrando baronalmente, encapuchados em *flagrantes* cabeças de burro. Esturrósos revoltados que, em virtude d'um quarteirão de propaganda, teem na voz certa nuança cócóricante de galos palreiros, surprehendem os conhecidos, *regressando* aos seus *avatares* de policias. Ferrabrazes travestem-se de varinas; pederastas ondulam os corpos de vaga em simulácros de maritimos...

E tudo *isto*, grita, ulúla, guincha, zumbe, assobia, n'uma moxinifada mais discordante do que a anti-musica de Strauss, o caricaturista vampiro do Som.

Ah, deploraveis títeres, os homens! Vilipendiados reis da creação!

Mascaras! Mascaras!... Como se a vida toda não fôsse um carnaval sinistro, uma procissão laica de grotescos! como se a face humana, descoberta, encarquilhada, ravinada de rugas, perfeita carta geografica da alma, não fôsse o mais *expressivo* dos disfarces!»

Assim *falou* aquella mascara, n'um domingo de entrudo, pendurada na parede do meu quarto, entre uma *fantasia* de Willete e uma reproducção do *Portrait de Jeune homme,* de Prudhon.

Um reflexo do lampeão da rua sabbatisou nas vidraças e fez-me lembrar que já escurecera. *Olhei para o sitio d'onde viera a voz:* sombra indistincta pondo na noite rompente uma segunda noite.

Março de 1919.

PHANTASIA Á MANEIRA DE WHISTLER

(«NOCTURNO» EM AZUL E PRATA)

Longe do congestivo murmurio do *Chiado*, com a eliptica esveltesa das «certas mulheres que passam», vibrando o halali da carne perfumada á luxuria tabética das multidões; longe dos dantons d'alcorce do *Martinho*, onde sarabandeiam o seu hiper-ideotismo medular, sob a bába das luzes e o desdem dos creados, fartos de ouvir asneiras e não vêr cair gorgeta na bandeja; longe da Lisbôa-crápula, da Lisbôa-peralta, da Lisboa-amanuense, da Lisbôa-centro «Progresso e Iscas», que eu vejo agora, nos nevoaceiros da distancia, — desachichelada, composta, joiada de parisianismo, n'uma *patine* de tom, irradiante...

Venho do abismo das ruas, cataléptisadas na hipnóse da sombra e do silencio; de apasiguar nos regougos do vento, como n'um alcool, a minha ataxia mental de vagabundo.

Abro a janela sobre a noite.

A alma azul do luar dynamisou a argento o

Largo todo: as arvores, que as implacaveis *brisas* tresvaíram, com mil boccas de chufa e spasmo e odio; scismaticos perfis de reverbéros; uma fachada horrivel de quartel, e a saragoça dos montes, ao fundo, erguendo os hombros ás plangencias do mar — Rei Lear glauco.

E' a hora do côrvo tragico de Poe, em que cada um de nós, viciosos da dôr e do desprezo, escuta no mais intimo do ser, o seu monologo patetico, transindo, a sua voz de agoiro, terebrante.

E a ventania orchestra os seus apupos...

Lá longe, cães mendigos brócam no arqueado silencio, o tormento dos uivos.

Como a vaga nas rochas ao poente, quando o sol a despedir-se é um *mors-amor* d'oiros que soluçam, chora, alto, dentro de mim, a queixa d'esta terra lázara, hirta, desolada, em que, léguas e léguas, penedias hirsutas substituem a verde kermesse das vegetações e mui raro a chuva ameiga, com a caricia dos seus cabelos d'agua e de piedade...

Tréguas no vento, que deixou calar, por momentos, o seu stravidário de Gritos e debruços, ao longo da praia, comenta o conto de *mil e uma noites*, que as estrellas *sugerem* nas aguas.

Clarão de opála em surdina, phantasmagoria de opála em vitraes poentinos, o céu delira no pressentimento do alvorecer.

O luar como que sobrepõe *mousselines* de silencio no silencio.

Dir-se-ia que o accendeu no espaço a Musa nostalgica de Jules Laforgue, esse caprichoso Hamlet das rimas.

E cada vez mais a noite achega ás arvores o seu corpo de marmore e penumbra; transida de alvura, funde-se aos colunélos hiperboreos dos troncos e é seiva, ascende... galvanisa a Mysterio e Sonho os braços sensitivos dos ramos; esculpe nas folhas miniaturas de Tréva spasmica...

E como um *resumo* da noite rútila, como um substractum da Grande Hora hipnótica, a minha melancholia declama a *Plainte d'automne*, tão anoitecida de Extranho, de Mallarmé:

«Depuis que *Maria* m'a quitté pour aller dans une autre étoile...».

1913.

MAIS UMA HISTORIA DE MULHER...

(IMPRESSÃO EM LACA DE FLORENÇA)

Discutira-se tudo n'aquelle recanto de café, onde, sob o pretexto bem futil de um jantar, Emilio Freire reunira os seus dois intimos, André de Vila Nune e Clemente de Silvares, para praticarem a Grand'Arte, *sous l'œil des barbares*.

A Grande Guerra e o seu elemento dyonisiaco-christão; o bismarkismo philosófico de Nietzsche e o instincto nietzscheano do «réactionnaire rouge» da Pomerania; Bergson e o incendio da Universidade de Louvain; Charleroi a arder no rubivo consternado do poente e a moral dos essenios; Maistre François Villon e o Cavalleiro de Oliveira; Henri Heine e Degas; Wilde e a sua alma — Renascença; Dostoievsky e Fromentin... — tudo surgira e piruetára, fulgira e se esfugára no tablado estonteador da sua conversa, como essas figuras dos bailados russos, com orientalismos crepitantes de estofos, poly-rithmicas, eclampticas, com que os grandes empreza-

rios nitidisam as nossas fantasmagorias de vertigem.

Pelo *boulevard* a Noite arfava na dyspnea aguda dos seus vicios. Pregões de jornaes zoavam n'um matraquear de guélas androgynas, prognosticando para os ephébos frustes que os vendiam finalidades de morgue ou de presidio. Cauteleiros lamuriavam possibilidades de Grande Chance, mas com inflexões tão *negadoras* que ouvil-os era perder toda a esperança de a alcançar. Electricos estralejavam o riso das suas luzes. N'um jardinete municipal um «monumento publico», de não sei que escultorréco, apupava esse preconceito de eunuchos, esse ideal de ratazanas sufragistas, denominado o communismo em Arte, que teima em fazer descer á *rua* «abominavel, feroz e pusilanime», de Laurent Tailhade o que devia ser como a Isis recondita dos neurónes de eleição, dando em resultado que mestre-canteiro, para bemmerecer das costureiras e dos major's d'Africa, reformados, põe um praticante de pharmacia, histero-epileptico, a triturar bagaços d'uva n'um gral e baptisa o «producto» de — *Homem ao léme*.

D'um restaurante perto, sons de violino vinham, muí tristes, plangendo o sadismo dos dedos inflexiveis que assim os impelliam, viajores nostalgicos, sob as fustigações escarla-

tes do arco, por um caminho de brumas e soluços, á procura de dôres que opiar em esfacelados corações.

Lassas, com silhuetas animaes e os tics indeleveis das antigas occupações: creadas de celibatario e môças de lavoura rapando os sóccos, entre as magnificencias de outubro, atraz dos bois, — galathêas sem vocação imobilisavam-se contra as mezas de ferro da *térrase,* na attitude das *Femmes devant un café,* de Degas. Maritimos de brincos d'ouro nas orelhas, trazendo nos olhos de vaga ao sol todas as lendas dramaticas da Agua réptando o Homem que a domina, pediam cervejas com vozes guturaes, accordando écos de appêlos em naufragios...

Era a hora do café. O creado servira os licôres...

Clemente de Silvares, erguendo, liturgicamente, nos dedos voluptuosos, finos, fremen-tes, como os do *Retrato do Rei Carlos I,* de Van Dyck, o seu calice, onde o *Scherry* punha uma sensação de sangue coalhado, de rubi em deliquescencia, proclamou, solemnissimo, — que morreria satisfeito se compuzesse uma novéla, dando, pelo arranjo erudito das palavras, uma impressão de côr, analoga á d'aquella bebida sinuosa...

André de Vila Nune accendeu o seu *abdul-*

la com um gesto fim-de-raça que *Des Esseintes* approvaria e lento, na sua voz mediterranea, tão armoriada de elegancia, revelou — que havia um conto de Tourgueneff, *La Sacrifiée*, que lhe evocava reposteiros pesados de veludo negro-e-oiro, onde *se esquecesse* um aroma de violetas...

Clemente de Silvares ficou-se um momento a *viver*, voluptuado, a fráse do seu Amigo e voltando-se para Emilio Freire quebrou o sortilegio:

— Sabes? A Maria de Varzea Cóva vae publicar as suas «confissões».

Deram oito horas. N'uma meza, ao lado um batraquio côr de tijolo, com um ar de *Z — commissões e consignações*, — bateu as palmas, affastou com enfado um numero da *Illustration* e já de pé, contando os trocos:

— Vamos por ahi acima, até ao *Avenida*, admirar a plástica da Zulmira...

Emilio Freire, mais palida a palidez da cara glabra, de doente e de Artista, em que punha um crepusculo de laguna a agua cinzenta, indecisa dos olhos, sorveu em silencio o seu *pernaud*, a que as luzes davam tons de enxofre liquido. No desenho da bocca, em linhas de um encanto neo-gótico, precisava-se o esforço do Estéta a procurar as palavras, uma «sahida» bem afivelada de impassibilidade. Mas Vila Nune interveio:

— Maria de Varzea Cóva? a esculptora? Vi-a uma vez, a descer o Chiado, *bianca é svelta* na luz turqueza palido d'um sol de maio, matinal. Trazia toda a primavera no vestido azul-horisonte. Lembrou-me a *Femme à l'ombrelle*, de Manet. Mas, você, Emilio, conhece-a...

— Sim, por correspondencia... Quando ella expôz, ha tres annos, a sua maquette — *Sósinha*, no Palacio de Crystal, escrevi-lhe uma carta enthusiastica. Aquella figura de Mulher — prodigio de modelagem — que todos nós vimos em reproducções, nas revistas illustradas, jungindo as mãos de folha sêca n'uma attitude tão finda, tão vencida, tão esmagada pelos maleficios mythicos da Dôr, tornou-se a minha *hantise*. Foi o plexo angustioso dos meus sonhos. Se, por acaso, os bonecos de Santo Aleixo do guinhol politico me faziam sorrir, a *sua* lembrança contravinha a congelar-me nos labios o rir escarninho. *Ella* foi a sombra meditativa que no nankin sujo da Noite, no ruge-ruge inquietante do fóra d'horas, apparece á nossa ruiva histeria no *écran* rugoso d'uma parede em ruinas ou na silhueta d'um candieiro perorando o seu monologo silvante de luz; n'um banco de praça deserta...

Desde essa carta em que eu comparava a sua psychose fulgural de Artista á de Augusto

Santo e Soares dos Reis, esses potenciaes maximos do Genio esculptorico da nossa raça, — desde essa carta datam as nossas relações... espirituaes.

Não conheço ainda a côr dos seus olhos. Nunca pude *vêr* as curvas d'uma árabe airosidade, com que os seus gestos hão-de dulcificar o espaço á volta d'ella. E apenas uma vez, na «unica realidade» d'um sonho, eu tive a festa da sua *presença*. N'um d'esses trajes de *gabardina eucaliptus*, que são por assim dizer o testamento poético dos costureiros, ella irradiava como Maria Antonieta no seu Trianon... Mas sei que sou profundamente, imensamente amado. Ha, comtudo, extranhezas, bruma, n'este coração de Mulher... Ouçam vocês: nós formamos aqui, ás oito horas da noite, n'esta meza banal de café, um tryptico de cavaqueadores. Vocês teem-me aqui ao vosso lado, na minha classica andaina preta, a beberricar, por litteratura, o meu terceiro calice de *pernaud*... e amanhã o carteiro entrega-me uma carta, em que *ella* me affirma que, a esta mesma hora, eu esperava o electrico na paragem de..., em cheviotte castanho e gravata *impressionista* de seda Nattier. Ora sou o sujeito de pera, envolto n'um *box-coat*, que, na esquina da rua de..., cumprimentava umas senhoras; ora, de boina lugu-

bre, a gola da blusa merencoreamente levantada, gesticúlo contra o *capital* no patamar d'um gremio cooperativista .. e até n'uma certa noite, que eu tinha passado no meu cubiculo a saborear Gogol e a *sentir* cair frio nas vidraças, fui *visto* no *foyer* do theatro de..., n'um intervallo de espectaculo, verificando os nomes dos interpretes no cartaz. Imaginam vocês que eu, por amor á verdade, como os cavalheiros respeitaveis que mandam communicados aos jornaes, me apresso a fazer vir a baixo o phantastico palacio de taes affirmações, com um desmentido brutal, uma cathegorica objecção de homem prático? De modo algum. Deixo-me ficar... E se ella me pediu as minhas impressões sobre a *peça,* falo-lhe das *Influencias ancestraes,* de Le Dantec, ou de qualquer outro alumbrador de theorias. De resto, se n'uma carta anterior, ella foi puerilmente *femea,* insistindo nos *potins* do seu predio, desde a coronela do rez-do-chão, «côr de crista de galo» e de «caracoes» absolutamente ridiculos, até á engomadeira das aguas-furtadas, «que não se sabe d'onde nasce dinheiro para apparecer tão *fagotée*»,—na carta seguinte delicia-me, deslumbra-me, revelando-me coisas d'um tão extranho perfume d'Arte que dir-se-iam arrancadas a um capitulo inédito de memorias, encontrado no espolio de Rodin.

E' maravilhoso de Côr, de *movimento na Côr,* como uma kermesse flamenga ou uma apotheose do Veronéso...

— Mas você nunca procurou vê-la, ao menos? — avançou Clemente de Silvares, compondo o monoculo na orbita esquerda, preciosamente.

Emilio Freire vagou os olhos pelos dois Amigos e mirando, com um pigmalionismo ingenuo, a seda marfim dos seus dedos de Infanta:

— Para quê? e Maria de Varzea Cóva existe? Lembram-se da resposta de Nerval á pergunta de um amigo sobre a especie de sentimento que lhe despertava a Jenny Colon, incaracteristica «estrella» da epoca? — «E' uma imagem que persigo, e nada mais...».

Dezembro, 1918.

A APOTHEOSE DA ÁRVORE

Esta ideia de uma festa annual da árvore refrangendo-se, como um *bouquet* de fogo de artificio, pelas ilhas todas do archipelago, esta ideia porventura seria mister que gregos e troianos a mimassem, viabilisando-a, evohéi-sando-a, carreando-a, ávante, com as mãos ambas do seu applauso, pela avenida larga das realizações, em summa, jungindo-lhe azas que a ascendessem, em volutas spásmicas de vôos, ao ceu muito azul das coisas consagradas...

Nada d'isso, porêm, aconteceu.

Razões porquê:

1.º — por ser êste burgo um feudo de sonambulos, que os ventos espancam e sôbre que as chuvas fogem de destrançar os seus cabellos de água e de piedade; um agregado de frustes comunicando entre si não por gestos mas por reminiscencias de gestos, estuporando as ruas de rostos fuinhas, animais, em que os olhos sem chamma são o sepulcro vazio do olhar e de cujas boccas em môrno as

palavras porejam bambas, inertes, desossadas, sem nunca reflectirem pensamento ou ideia viril, original; uma communidade de sombras chinezas, gafadas de lunduns e mexericos e tendo sôbre litteratura, sôbre arte, sôbre cozinha, sôbre o amôr, sôbre *toillete*, sôbre o modo de anforisar um galanteio, travar do braço a um conhecido ou coquétisar de bugigangas a mais modesta mesa de trabalho, conceitos tão parvinhos, opiniões tão catracégas, faltas de tacto tão evidentes que até feririam, pela gebice mental manifesta, o mais solerte porteiro dos centros demagôgos de Lisboa.

2.º — por ninguem ser senhor, n'este minguado viveiro de gordos e furta-côres, de dar um passo, voltar-se a apanhar um lenço que lhe cahiu, curvar-se para uma montra, entrar n'um estanco a comprar phosphoros, reclinar-se nos bancos da Praça sôbre o lado direito ou sôbre o esquêrdo, acceitar um convite de jantar, remexer a sopa, desfibrar o cosido, engulir a salada, dizer que está calor e que se abafa, pedir água a um criado, que logo compadre Fueiro, que espionou tudo, não pense para comsigo: — lá está aquelle malandro a estadear convicções politicas que eu não comungo!

E os olhos zébram-se-lhe, as fontes drapejam-lhe, hediondizam-lhe o rosto tons carrancudos de mata-borrão, e de quico á banda,

sobrecenho convulso, dir-se-ia um bronze da vingança. . reumatismal.

¿Mas a árvore? Ah, sim...

No lusco-fusco das manhãs, quando as sombras, consternadas, enterram a nascente o corpo morto da Noite, ou silhuetando-se sósinha, sôbre um monte, nos longes fumòsos do entardecer, a árvore é o muhezim da paisagem, Christo vegetal de graça e de mistério prégando aos homens torpes que apodrecem no pântano verde das ignominias, sermões de paz e de silencio... e quando já velhinha, resequida, vem ser lume na lareira, ella é ainda quem na nossa miseria entorna opios, nos longos invernos crocitantes de chuva e vento, embalando as almas e os corpos com mil boccas de amôr e de desmaio.

As mães primeiro e as escolas depois deviam ensinar ás crianças, em vez de moral e outras chinezices, de que ellas mais tarde se vingam, espesinhando-as pela vida fóra, as mães e as escolas, dizia eu, deviam ensinar ás crianças o culto pela arvore (dado que o possuam tambem, o que era explendido), ensinar não só a ama-la mas a rezar-lhe, como a uma Nossa Senhora pagã, geradora de fructos e alegrias, Astarté divina das seivas erguendo sôbre o mundo a sua cabeça magnifica, diademada de folhas e gorgeios.

L'Angleterre mère des arbres...

A Inglaterra, mãe das arvores... psalmodiou Verlaine, o Judeu errante da Desgraça, depois de passear por Picadilly os seus farrapos e o seu génio.

No dia em que de Portugal se poder dizer o mesmo, elle será de vez a nação culta, civilizada, exemplarissima, que uma revolução sentimental não conseguiu ainda effectivar. (1)

Abril, 1914.

(1) Escrito em Cabo-Verde

O SR. BRAVA

(ALEGORIA DE TUMULO)

O sr. Brava morreu no dia 18. Foi lançado o corpo á terra no dia 20.

(DUMA CARTA)

Quando m'o apresentaram «estimou muito conhecer-me» e avançou para mim uns restos de cadeira com a solemnidade preciosa de quem offerece uma confortavel otomana do mais flamante estilo. Receoso, mas sorrindo, aquiesci ao seu convite, e o sr. Brava, vendo-me installado, perguntou-me por Lisboa, pela «senhora minha mãe», pela «apreciavel saude» do meu gatinho.

Na estreita peça, baixa, fuliginosa, d'um ambiente cinzento-chumbo, como os que affeiçôa a paleta crepuscular de Rembrandt, ia uma dissonancia de moveis e utensilios sem idade, digna da imaginação amarello-ferrugem d'um bric-á-braquista...

Pelas paredes, oleogravuras de monarchas

trocavam sorrisos *moderadores* com barbichas demagôgas, postas em voga por uma revolução... de apetites, n'uma manhã de vindimiario, ecoante de clarins...

Uma silhueta de bailarina, recortada d'um velho numero de *magazzine* e estesiante como um *triolet*, avançava a cabeça de Tanágra viciosa para um S. Jorge couraçado de pureza, no seu cavallo mistico, estracinhando o dragão, e fronteiro a S. Patricio, severo, empunhando o seu báculo pastoral, surgia o topazio queimado d'um carão de comodoro americano, resplandecendo entre as fumigações do seu cachimbo.

Magrissimo, osso e alma, ofegando da porfiosa batalha dos seus nervos, o sr. Brava lembrou-me o Willette da *Chevauchée artistique*, de Léandre. De vez em quando fazia o gesto de ensaboar as mãos e poisava-as depois nos joelhos, com um «muito bem! muito bem!», em que havia cincoenta annos de astma.

Os olhos, d'uma nuance indefinida, em que luziam reminiscencias de céus á tarde, pacificando spasmos de mar alto, iam-lhe d'um lado e outro, bolideiros, dir-se-hia quererem voar-lhe dos buracos das orbitas, como balões seguros pelo fio em mãos *balbuciantes* de menino.

Uma especie de pequeno mendigo de Ribera entrou pelo quarto cavalgando uma impavida canna e como me visse deixou cahir o imaginário alazão e foi amôchar-se junto ao canapé de palha da Madeira, de que o sr. Brava fizera o seu «reducto» de reumático. Afagando-lhe a maranha dos cabellos, sentenciou:

— Os netos, meu presado senhor, são o sol da nossa velhice. Quando se chega a estas edades sabe a vida a caftan de judeu e a gente escuta cahír as horas como passaros mortos n'uma paysagem de canicula. Então estes azougues são o nosso refrigerio e ouvir-lhes as réplicas e os risos põe nos cá dentro um alevante de festa que nem os sinos todos da igreja a repicar em mês de Maria...»

O sr. Brava offereceu-me uma chicara de café, «um café famoso, muito apreciado pelo senhor juiz da comarca» e tendo exigido que eu lhe garantisse que «o temperara de açucar a meu gosto», sorveu uma pitada, todo deliciado de ter alli «um cavalheiro com quem desenferrujar a lingua».

Lisboa, no entender do sr. Brava, era um sombrio arsenal de egoismos, onde não havia tempo para se ser bom. As ambições, os negocios, a pressa de chegar primeiro que os outros, a necessidade de esmagar para não ser esmagado — tudo isto, forçosamente, punha

no lugar do coração uma grêda infecta. Nas terras pequenas crescem os bons instinctos e os impulsos generosos, como a herva nos passeios. As casas baixas não tapam a vista do céu, que apparece assim como o vasto manto da Nossa Senhora que pegássem pelas quatro pontas os quatro anjos melhores da sua côrte...

— Quer que lhe diga o que é a felicidade? E' termos sempre o mesmo pé de jasmineiro a dar-nos todas as manhãs o seu «bom dia» de perfume e se por acaso a curiosidade ou o tédio vierem instigar-nos, no canapé em que descançamos, a procurar a rua e os seus desvarios, forrarmos bem de tabaco o nosso cachimbo e de olhos semi-cerrados, beatamente, deixarmos o fumo ir, incorrigivel andarilho, pela séca-e-méca das suas espirais... Este innocente que o senhor aqui vê, Deus lhe forme uma alma de borralho, inimiga de aventuras, bemquerendo á sua aldeia como traça a míssal de abbade, e não o approxime nunca d'essas alfurjas do démo, a que os senhores chamam — «os grandes centros». Quem por lá andou não logra mais alegria, esta alegria franca, lavada, que faz que eu me acredite o mais poderoso figurão porque um raio de sol veio beijocar a Nubia de madreperola, que se espreguiça na tampa do meu tabaqueiro.

«Tive um primo que era maritimo... Naturalmente, compadre que elle filasse á porta do buraco a tomar fresco ou parado a qualquer esquina, cogitando ante a espalhada de algum «cavallo de cem moedas», havia de lhe ouvir todas as andanças e estanças por esse mar do mundo, desde a Noruega, em que o sol, pelo anno inteiro, faz lembrar um alperce afogado em calda, até o Japão, que é um país, «sim, senhores!» todo feito de papeis de côr, com avenidas de bambú e homens e mulheres só de porcelana, da ponta dos pés ao rabicho... Tinha estado em Londres, onde os candieiros acesos logo de manhã punham tons *enjoativos* de amarello de ôvo nas ruas e praças, em que estalavam as prágas dos *cabmen,* com esse ruido das «omelettes» que as cozinheiras voltam na frigideira; em Sevilha, os cravos vermelhos, roxos, amarellos embebedam muito mais do que uma garrafa de «amontillado»... No Cairo, em noites de verão, o barulho das musicas e das danças nas «térrasses» dos «bars», que enche uma multidão mais vistosa do que manta de andaluz, afoga em volupia a melancolia mais pertinaz... Tinha visto tudo, mas em certas occasiões levantava-se, branco como este lenço, «com um grande nó a suffocalo» e n'uma voz *de quem acaba de assistir a algum «sabbat»,* dizia-me: «Primo, quer saber?

Vi-me a mim proprio, compondo o meu cadaver n'um caixão», ou qualquer bizarria do mesmo lóte. Outras vezes era um *desconhecido*, com a cara embirrenta de um diabo, entrevisto por elle no museu de uma cidade antiga da Allemanha, que avançava do fundo do quarto e, muito familiarmente, lhe perguntava pela Eulalia, uma magróta sardenta que conhecera em Aden... e uma bella tarde em que estava sentado n'essa cadeira que occupa agora o senhor, pôz-se a fazer com as mãos o gesto de afagar alguma coisa : «quieto, Mandarim ! quieto, Mandarim !» Era um cão da Alaska, que elle perdera, havia quinze annos, n'um naufragio, a seis milhas de Singapura...

«Eu recomendava-lhe agua de flôr de laranja e pannos molhados pela espinha; porém, a mim ninguem me tira da cabeça que foram aquellas terras que o emparvoeceram... Viajar para quê?... antes cultivarmos o nosso pé de jasmineiro...»

Mas o paquête já dera o seu primeiro sinal de partida e eu despedi-me do sr. Brava, promettendo-lhe que transmitiria ao meu gato os cuidados pela sua saude.

Dezembro de 1918.

O RETRATO DE MEDALHA

Junto ao banco de *square*, onde eu me sentára, a ouvir a flauta de jade d'uma manhã de maio, vi no chão aquelle retrato de medalha. Mãos *sem memoria*, de mulher, decerto alli o haviam *perdido*, em homenagem a essa lei do sentimento feminil, que nas batalhas de amor, decreta impiedosamente o abandono, ao frio e á noite, *dos corpos mortos dos vencidos*, para levantar nos escudos o *novo vencedor*.

Apezar do seu collarinho de gomma, *á catita* e da sua risca presumida de official de barbeiro propagandista, impressionou-me a fisionomia do homem, representada no minusculo cartão e, tomando por testemunha o Memling suavissimo d'aquella hora matutina, alli lhe fiz a promessa de escrever, algum dia, *a sua* historia — uma historia rascante que *o vingasse* da sua trivialidade.

Ei-la, inestimavel leitor. Achá-la-ás insulsa por vezes, como as tuas amizades indefectiveis, e então apregoarás, deante da tua hedion-

da cara-metade: — Que maravilha! Outras vezes, profunda como um pôço de gritos, e n'este caso plangerás: — Que mesquinharia de conceitos!... E de modo algum poderás suspeitar que, com ella, eu quiz apenas propiciarte, tal ó sonhou Flaubert p'r'ás suas alchimias do Real, uma sensação de côr, de hiper-trofia da côr, qualquer coisa como o *loïe-fullerismo* de vitraes á tarde, em mediúnicos templos de evocação...

«Quando n'aquella noite, em que eu voltava do gremio, a cabeça um pouco diffusa de cógnac e de controversia, minha mulher me annunciou — «que estava gravida», a minha observação foi brutal:

— Cêbo! Que vem cá fazer esse tropeço?! Não é muito o que eu soffro, retranzido, sob as vergastas da vida pratica; os esbarros d'um analphabetismo solerte, flabelado de retórica pimpôna, que á minha sensitividade opõem, todos os dias, lá no jornal, aquelles que com uma gaga *bôa fé*, se arrebicam de «norteadores da opinião»; a cuspinhagem de ressáca que para a alvinitencia do meu sonho, vem do contacto infamante com toda a especie de ideotas, gatos-pingados de novelas-fétos... não é muito o que eu supporto e recalco só p'ra que nos reluza a vida, broslada de bem-estar. Ameaças-me

aínda com mais um encargo!... Minha rica, os filhos são bons p'ra quem tem palacios, e n'esses palacios alcovas do mais faustoso oriente, com berços de maravilha, onde elles podem dormir os seus somnos de filigrana, sob a vigilancia risonha de debonnárias amas de crômo...

— Eu julguei que te dava alegria. Perdôa... E logo começou esse chôro brando, mui flébil, que parece que a todo o momento vae ter fim e da propria tenuidade arranca purpureas, endemoniadas energias para continuar sempre, sempre, monotono, implicativo, enfurecedor, paroxismante; esse chôro que é uma vingança da mulher-serva, da mulher-máquina, da mulher-acephala, esparvoada por millénios de supersticiosas subalternisações e dependencias.

Os olhos flambando áscuas, pruridos de crime nos dedos contracturados, refugiu-me no velho *pliant* do meu cubiculo de trabalho, áquella hora todo caleado a luar, cujas grandes azas de passarôco somnambulo batiam as vidraças, d'onde revoluteavam plumas de platina.

N'um certo magazzine, a proposito d'uma fantasmagoria d'Arte que eu talhára no estôfo levantino das minhas nostalgas e chiméras, não sei que critico escreveu: «Natalio Borba, um timido...» Ah, o impiedoso látego d'essa frase!

Uma timidez excessiva, possessiva, tyranica corroedôra, como uma chaga purulenta da alma, eis a companheira inflexivel que me coube em sorte na calamitosa viagem da vida, a *sombra* lugubremente irrisoria, que o destino projectou da minha misérrima silhueta de dôr. Por via dos seus maleficios eu nunca pude saborear a felicidade em toda a sua plenitude. Entrar sósinho n'um café, apoplético de luzes, quando as mezas repulúlam de freguezia e chocálham os dados dos seus *lazzis* e opiniáticas sandices; seguir por uma rua, na viva luz estridente das tardes de verão, quando, sob a deselegante morrinha do ar, zangarreiam pelas janellas «as senhoras-vizinhas»; parar a uma esquina, á espera do eléctrico... eis o que sempre me assustou mais do que razão. A' timidez devo, entretanto, o dom da ironia, uma ironia de «boa agua», d'uma calma esplendorosidade, como um ceu nocturno mosqueado de faíscas, que um meu amigo classificou, um dia, de «Veroneso fallado»; e esse outro bem inestimavel: o do desprezo, um desprezo ultra-carmezim, antí-social, que me faz vêr em todos os bipedes post-adamitas, que povôam este picaro infra-mundo, rudimentos de sarrafaçaes e de grotescos, sem autonomia mental ou emotiva, a quem a vida tenta como uma marítornes pintada de Rua Suja.

Passeando, nervosamente, no meu quarto, a todo o momento espero o grande *desenlace* que, a poucos passos da minha anciedade-ametista, o *fatum* helenico, o abrumado Destino, contra que se esborôam, como uma grêda flácida, as nossas veleidades de gran-senhores da creação, o Destino está a preparar com fios d'oiro ou de luto.

Pela porta entreaberta chega-me a voz ronronada de phonographo da sr.ª Felizarda, parteira diplomada, «de cujas mãos propiciadoras, pode gabar-se, não ha memoria de ter sahido *algum*, que não fosse sãosinho e escorreito», e ouço a voz contaricada da *Dona Josephina*, nossa vizinha do rez-do-chão, affirmando que «quem nunca passou por isto, minha rica, não sabe o que são dores, não pode saber», e retruca-lhe a voz crespa, em gume, da sr.ª Segismunda, a «Malhada», nossa vizinha do terceiro andar: «Eu que o diga, eu que o diga! Por cá já cantam cinco, e dois a ferros... Ah, não compensam o que soffrêmos por elles! Depois, uns ingratos... a minha mais velha, tem 15 annos, não levanta uma palha, e tanto se lhe dá que a casa estêja assim como assado. No que pensa é em derriçar, a grande bácora, com sua licença...» E são outras vozes, ainda, ora dando a impressão d'agua precipitada d'uma garrafa, ora de unhas de gato raspando em

panno lavado. Passam de medida as vezes que a criada já foi á porta, resmuneando, abrir á sr.ª Fulana e á sr.ª Cicrana, «que veem offerecer os seus prestimos» e dar fé de tudo, inquietantes animaes de mil-olhos e mil-ouvidos, fauna das cidades-bêcos, como é Lisboa, feitas de pedra e bisbilhotice... Como uma chamma, de noite, ao vento que a desmaia com mil boccas de mofa e spasmo e odio, gira-me o pensamento, com sessenta directrizes por minuto. Recordações de catastrophes, de desfechos tragicos veem-me á memoria, baçamente, como peixes mortos á flor d'agua d'uma piscina e logo outras séries de ideias as espancam, com uma alagadôra sensação de tumulto, em que a todo o instante receio que se me parta a corda da razão.

— Ter um filho... sim... testemunha implacavel de todas as miserias e mesquinharias do lar; herdeiro certo, victima indefesa de todas as podridões moraes, de todas as ulceras d'alma e *hamletismos deliberantes,* que meu pae me transmittiu e eu refinei e nuancei, alchimista louco, operando com nervos e panicos, no laboratorio borgiêsco do meu sangue. Eu, que ainda tremo, com um pallido tremôr, como no meu rosiclér de menino de bibe, se a cozinheira se apresta a decepar o pescoço a uma gallinha; eu, que me arrepio, re-

tranzido de dó, se algum energumeno da rua persegue com pedras um cão vagabundo, d'esses que uivam, tão tristes, pelas meias noites crucitantes de presagios, como se fossem materialisações de remorsos, — eu vou, *todavía*, commeter este crime, imperdoavel, ilogico, absurdo: accrescentar uma parcella de soffrimento vital á soffredora humanidade, eu, Natalio Borba, discipulo fervente de Schopenhauer e de Hartmann, de todos os grandes sombrios do Espirito! *Eu, que nego a necessidade de continuar a vida, eis-me productor de Vida!* Ah, pobre producto d'uma crise animal de esgares e delirios!... E has-de crescer, serás homem e, quem sabe? — talvez um dia, os outros homens fixem, estarrecidamente, o teu nome por intermedio da gazeta dos tribunaes...

Extenuado deixo-me cahir n'uma cadeira, contra a meza, onde a véla afusa e corcóva os seus sobresaltos de luz.

— «Senhor Natalio, senhor Natalio, os meus parabens! E' um rapaz e que gordinho, benza-o Deus... Já está tudo despachado, pode vir ver...» Levanto-me, mas na estampa que eu tenho, na parede, por misticismo d'Arte, á cabeceira da minha cama, reproduzindo *O Christo*, de Carrière, *é o fascias que o meu filho terá aos trinta annos, que eu vejo a*

estertorar-se na cruz. Fujo de casa. Devem ser onze horas da noite. Sugerem-me coalhos de sangue, que eu evito de pisar, supersticiosamente, os fogáchos trémulos que os candieiros reflectem nos passeios. Persegue-me um estonteado morcêgo do vicio, offerecendo-me volupia «pelo preço que me convier» e a manhã surprehende-me estirado n'um banco de caes, o quico amachucado a servir me de travesseiro, amnésico de mim.

Dois dias depois devia sahir um velleiro francez para a Guyana. Faço-me acceitar como moço de bordo.»

Janeiro e Fevereiro de 1919.

A AFRICA RIZIVEL

Adjacências do cemitério da cidade — espécie de desmantelado alcazar de mortos e imundícies, que o grasnido dos ventos voltaireanamente açoita de impropérios, terreiro de olvídos, sem *au-delà*, sem dramático, por falta das mãos erguidas dos ciprestes espiralando p'ra Deus a sua réza gótica de folhagem; do cemitério que é o ponto final, irónico, de uma vida de cigarras, cantada e bailaricada, o *memento* escarninho de um povo solerte que, cantando e bailaricando, deve à botica, deve ao padeiro, deve ao visinho, caloteia o aluguer da casa, onde perenemente zoina a cadeira de balouço das suas atonias mentais e mexericos e impreterivelmente péguinha a pantufa rôta dos desmazêlos de *mènage*; que, bailaricando e cantando, constitúe família, põe em aboboda ventres murchos, pedincha, rifa, vendilha, trapaceia, toma de empréstimo tudo: calças e botões de punho, os pratos em que come, as oleogravuras de que

atravanca as paredes da sala de visitas; que, cantando e bailaricando, desnalgando-se, desengonçando-se em elypsöides de rhinóceros bailarins, em figurinos de tango e de maxixe, julga-se rei sendo lacaio, diz-se Antony do amôr sendo apenas levita grosseiro da luxúria, quer que o tomem por cavaleiro andante do belo espírito quando não passa de um *marmiton* prénhudo e purgativo, de um papagaio bronco e desplumado; que bailaricando sempre e sempre cantando deixa mirrar os campos e emigra, calaceia d'alva a poente e vai depois, amarelo de jejuns, mostrando a ruinaria pífia do arcabouço, ululando que tem fome, eructando lamúrias e abjeções contra um Poder, incônscio do seu mando; que, de entretido com lunduns e bacanais, nunca parou a ouvir a canção da água vagabunda que, desprezada, êrma de mímos, tira a feminil desforra, não lhe gorgeando nas regueiras, faltando-lhe no momento próprio, mudando-lhe, rápido, a trança loira das espigas em cabelugens de harpias flatulosas, pondo-lhe corcundas gêbas de falência na arquitétura alácre dos cafézeiros; que, tocando e cantando, imóla os cinqüenta anos da vida na ara obsoleta de Therpsícore, tem no cérebro em vez de circumvoluções variantes de polkas, almoça recuerdos de mazurcas, janta promes-

sas de balancés, ceia uma espectativa de lanceiros, até que certa manhã a morte chega, mostrando na mão adunca, toda d'unhas, a terrivel ordem de marcha e sentindo-se fenecer inda soergue na górja o fio partido da voz, p'ra pedir aos que ficam — lhe dansem uma valsa, *in memoriam*...

... adjacências do cemitério, esfuga-se, entrecruza-se, torcicóla-se um como que acampamento de bohémios, pandemónio de luras e casotas, mostrando pelos olhos vesgos das portas e janelas o quer que seja do betuminoso interior duma cripta romana, do pesadelo duma mina de hulha, onde restos de cadeíras prehistóricas dialógam em surdina com hipóteses de mezas sem idade, sombras formigam, recortando arremedos de criaturas num ambiente côr de pêz, hiper-londrino e de vez em quando porcos resmunêam com ares de «pessoas de família», de parentes pobres que pagam com birras o agazalho.

A vez primeira em que lá fui, a um poente de laca de Veneza, por cujo côncavo beijante vagavam rebanhos bíblicos de nuvens, já ensaiando a elegia oiro-lilaz do anoitecer — a vez primeira em que lá fui acompanhava-me um amigo, aí impelído á cata de não sei que esquiva Sulamíta, fornalhando-o, dizia, com atitudes de império e desafio e certo traçar

de chale em pregas de clâmide antiga, a pôr-lhe no busto côr de mel uma sensação de bronze deshonesto.

A meio dos estreitos arruamentos crianças ajoujavam no chão os abdomens de abóbora carneira, matronas do lar aboloreciam ás portas, carapinha ao léo, trazendo à altura dos úberes, sem maternidade, com uma sorte de revesso automatismo, a boca em búzio das crias hediondas, marmanjos côr de fuligem, supercílio hirsuto e cráneos de orangos, chocalhavam os dados das suas sornas algaravias, onde não estruge um frémito sequer de célula viril e as palavras empeçam, não avançam, como animal medroso que vê sombra... e só era ali o activo pormenor uma colónia bicante de galinhas, brochando na grande tela bárbara frenesís de vida dinâmica, labutante, pinceladas cruas de bulício, como um apupo castigador á abolia degradante, à bestíficação infra-marroquina dos demais comparsas.

Não vímos a Sulamita. Mas eu trouxe a convicção de que sinceros e naturais eram *esses* e fui subindo a ladeira que leva à *city* das lojas e das ruas retas, dos prédios bacocos e dos Narcísos gordanchudos, onde gorgulham os *outros*, os senhores, arrogando-se direitos, em nome de não sei que drolatica civili-

zação — «p'ra que nem, talvez, hão-de nascer os netos dos seus netos», —sentenciou, frisantemente, o meu companheiro, *já a submergir-se,* como tudo ao redór: árvores druídicas, um muro esbréchado de quintal..., —na grande agua ferruginea da Noite. (1)

Junho, 1914.

(1) Escrito em Cabo-Verde.

ELEGIA SOBRE UMA JANELA D'AGUA FURTADA

Como lhe chegára a vez de contar, tambem, o episodio mais *vincante* da sua vida, «o grande acontecimento que nunca esquece», — C. de S. sorveu o seu *pale dry*, num silencio ungido de ritos, depôz o copo no tampo do guéridon, em losangos de jade e malachite e recostando-se num dos elegantíssimos *maples* do atelier, começou:

— O meu quarto da Rua de Santa Justa tinha todo o desconforto da mór parte dos quartos d'aluguer, accessiveis a bolsas pobres. Balzac, essa grande maquina de produzir humanidade, creando os seus personagens mais reaes que os da propria vida, porque em vez de os formar com a argila perecivel dos deuses os anima com a chamma das Palavras que não morrem, — Balzac incrustá-lo-ia no sórdido caravancerá da sua *Maison Vauquer*, onde se espéctra o *symbolo* do *Père Goriot*, com o sublime ridiculo do seu *pathos* paternal. Uma cómoda do tempo da senhora

princeza Carlota Joaquina, sceptica, pansuda, com o seu topête de mogno a esfalripar-se em rêpas de enfastiada senectude e tossindo cavernosamente ao repuxar de cada uma das suas gavetas, ostentava a têta apojada duma jarra de traça bordalêsca, d'onde irrrompia uma enorme camelia de papel, como um cocar marcial de capacete. Duas cadeiras da mais confrangedora marcenaria apontavam-se, com tristeza, uma, as suas pernas tremelicantes, a outra, o esmadrigamento do seu fundo de palhinha. No quadrilatero pernalta do espelho dum toucador, que rejeitaria a mais trigessima-classe das amphibeanas figurantes de revista, todas as quartas feiras minha mãe porfiava em fazer luzir um pouco do *antigo brilho*, mas na árida agua limosa jamais se reflectia, *integralmente*, o donaire melancolico da sua fisionomia, como a «sombra longinqua», em que fala Mallarmé no seu poema. Pelas paredes ia uma patuleia de postaes, qual mais malandrino de aspeito, resaíndo, como apophyses, da óssea insulsez do estuque. E fazendo esquecer o hediondo d'aquilo tudo, lançando sobre tudo aquilo o seu perdão de perfume, havia a mólhada de flôres que, nas suas visitas, minha mãe trazia sempre e eu colocava num copo, sobre a meza de pé de galo, entre o *Ensaio sobre o riso*, de

Bergson e algum volume desses indiscretos exhumadores — pastelistas, que escutam ás portas do século XVIII.

A primeira semana que passei no almecegado cubiculo, aparecendo a deshoras para dormir ou de manhã demorando-me, fazendo tempo p'r'ó almoço, a elegantisar a carcassa do *Houbigant* caro com que Vila Nune bemerenciára as minhas predilecções de cocóte e sentindo dum lado balir os energumenos do noticiario, pela voz do meu visinho, sargento côr de limão, grande esfocinhador de periodicos, e, do outro lado, estrugir o catárro do «Sr. Prior», hospede perpetuo, erriçado de manias, com um humor, ora sombrio como versiculo de *dies irae*, ora lêdo como motête de mez de Maria; a quem a propriedade dum fabuloso cordão «todo em oiro massiço» fazia mais respeitado que suas temporalidades..., — a primeira semana correu-me numa especie de somno emocional.

Em vão, de cima da meza de pé de galo, Baudelaire e Edgar Poe, de Quincey e Jean Lorrain me apresentavam o *dawamesk* das suas embruxadas sugestões, e Édouard Schuré me sorria o seu aureolado sorriso de pontifice-visionario, e Pascal, o Grünewald do Port-Royalismo, me prometia o *medo* mediévo das *Pensées*, em que crepita e arde, na noite das

fráses, o auto de fé da sua exegese... Em vão, em vão, como guisos melancolícos de traquitana, por um caminho entre montanhas, no esfuminhar da ante-manhã, plangiam os versos de Rollinat:

Mademoiselle Squelette!
Elle était si maigrelette!

Un soir, à l'espagnolette
Elle vint se pendre ici.
Horreur! une cordelette
Décapitait sans merci

Mademoiselle Squelette...

Em vão Percy Shelley e Verhaeren, por sua vez, me catequisavam, o primeiro, com a fantasmagoria iriante da sua Nuvem, o segundo, com as grandes *luas* lividas das suas fábricas, onde, captiva, se desóla uma Eléctra: a alma do Homem, e pondo no seu canto uma sensação de crepusculo violeta numa paysagem de cidade, quando ainda nos altos globos a luz hesita, como de lampada em quarto de ruiva ética, Verlaine me soluçava aquele seu soluço de tão imperial voluptuosidade na magoa:

E'coutez la chanson bien douce
Qui ne pleure que pour vous plaire...

ou ia dizendo o *capricho*-lilaz das *Mãos*:

Ce ne sont pas des mains d'altesse,
De beau prélat quelque peu sainct,
Pourtant une délicatesse
Y laisse son galbe succinct.

Ce ne sont pas des mains d'artiste...

Em vão, em vão... Espesso, pratico, *impermeavel*, eu proprio me comparava a esses bons senhores que vão pelos passeios, embrulhados na sua trivialidade ou no seu negocio, como em gabão de maltez, *sem saberem* que lá-cima, sobre o hostil pululamento dos téctos e chaminés, o Deus das velhas teogonias e das scismas suaves á lareira, esparze a larga benção do seu Azul.

Mas uma manhã a «Dona Amelia», minha trinca-pintos de hospedeira, a quem conheci só uma superstição, que m'a tornava sympática : os republicanos ; de resto, duma fealdade desgraciosa como um grupo das cem-mil-virgens em papel pintado... Entra-me pelo quarto, uma reminiscencia d'*écharpe* equilibrando-se-lhe nas costas em agulha-de-meia, aconchegando contra o ventre, num gesto militar, o casibeque d'outras eras, os cabelos, duma nuance «pão torrado», fazendo-lhe *penca* sobre uma testa de gorgona, e numa voz de phonographo :

—«Ora muito bom dia. Mas como é que o senhor pode estar neste forno, alí com a ja-

nela da varanda fechada?! Aposto que desde que aqui está ainda não lhe deu a curiosidade para a abrir, sequer por uma meia hora... O senhor é assim a modos que *poeta*. Estes livros, o seu costume de fugir de gente, não me enganam... Que não imagine que lhe digo isto por desprezo: eu cá tambem aprecio... O primeiro rapaz que namorei *tambem* fazia versos e se não fosse o defuncto papá ter lido, um dia, num jornal de Vizeu, umas quadras, em que elle me recordava «as delicias que passámos» (forças de expressão, já vê...) e, por esse facto, havê-lo prohibido, terminantemente, de continuar a «fazer-me a côrte», talvez hoje estivesse melhor do que estou. Mas voltando ao assumpto: que diabo! E' uma pena esse seu feitio... O Patrocinio, que, sem desfazer, é um rapaz muito engraçado, até, uma tarde destas, disse á meza, deante dos mais hospedes — que ninguem lhe tirava do «toutiço» que o senhor era algum foragido de Hespanha, «onde se abotoára com o recheio dum Banco particular» e que era bom fornecer os signais ás autoridades. — «Agora, Senhor Patrocinio, que disparate!», retrucou-lhe a Quiteria. Pudéra!... teem grande intimidade... Que eu cá, aquela delambida não a queria nem para me cortar as unhas dos pés, mas os homens hão-de sem-

pre babar-se por uma burra com saias...» Pondo *abat-jour* nas palavras, revelou-me em seguida o verdadeiro motivo da sua visita: o pedido «d'alguma coisa por conta do fim do mez, que estava sem cinco-reis para comprar os ovos do almoço do Sr. Prior» — «Olhe, cá lhe deixo a janela aberta, e muito obrigada!», e sahiu, chape-chape, a marralhar nas chinelas...

No atelier, em que os largos biombos de seda-magenta, historiados de garças heraldicas, immoveis contra a bruma lunar de rios de legenda, evocavam a graça dos corpos liliaes que ali se haviam desnudado, passou, um momento, o *pequenino frisson* espectante, que num teatro spasma as plateias, ao levantar do pano sobre um quinto acto de drama popular. Os olhos fitos no *Retrato* que Columbano fizéra de Maria de Varzea Cóva, *la maîtresse de céans*, todo em fundos de crépe e onde, como nos quadros de Carrière, *il faisait soir, commencement de soir, crépuscule intermédiaire*, — C. de S. continuou, mais lento o vagar da sua voz de fonte em noite velha:

— Lá de baixo, da rua, chegavam até á varanda, como borborigmos duma agua putrida ferventando, todos os ruidos caracteristicos duma artéria laboriosa de cidade: disputas de

galegos; pregões de cauteleiros brandindo a matraca dos seus «palpites»; o pregão da mulher do peixe, dum retinir de prata fina e o do homem da hortaliça, duma melancolia de *ranz des vaches;* um batucar de martelo em latoaria; serrar de madeiras; o latir enraivecido dum cão gotôso empôz duma carreta, onde chocalham barrigas vazias de «seis litros»; a cantiga resingante dum estraga-tombas de escada, onde ha como um resaibo de grades de calabouço em expiação d'alguma roxa manhã de crime; ofegancias de cavalos cogitando o problema de se lhes exigir a carga de todos os diabos juntos do inferno e não se lhes dar, como estimulo, nem meia medida de ração; berros de creanças a escabujarem sob a inexorabilidade tigrina das mães, que conquistam mercadejando o pão amargo de cada dia...

Fronteira ao meu quarto, uma oficina de «sapatos de senhora», onde uma especie de *lorette* de Gavarni, *estridula,* insidiosa, sondou as vulnerabilidades dos meus vinte trez anos, filtrando pelas lucarnas dos olhos, desses olhares, que encerram, positivamente, meio seculo de cinismo e *experiencia.* Com uma impassibilidade digna de Enjolras, resvalou-me a vista d'aquella torpeza de fitas e nervos e foi fixar-se, mais adiante, numa janela d'agua-furtada.

Estreita, circunspecta, aberta ao sol, que se reflectia na insulsez do *interior,* numa concretisação desses tons fôscos que põem no ambiente das casas pobres não sei que irremissivel *hantise* de rostos mulatos, *aquella janela nada tinha d'interessante.* Mas *lá de dentro* uma figura de rapariguita vinha correndo, apertando contra o peito um enorme gato amarelo, que gemia estertorosamente. Com solicitudes poemáticas, depô-lo numa cadeira de palha, que banhava no banho morno da *meia-luz*, e ficou-se a espiar aquela agonia de bicho, numa contráção de precoce, toda enxarcada de dó, como uma leira ao crepusculo toda enxarcada de sombra. Não devia ter quinze annos... Bonita? Talvez... Um grande psycologo observava-me, um dia, que as filhas da gente pobre, por mais pavezes que luzissem, lhe davam sempre a impressão de estatuêtas mutiladas. «Uma hereditariedade gibosa de privações e miserias evasivando-se sob o bícorne de chéché de zanágas aparencias, deforma-lhes o typo, desde que nascem, apostilando-lhes de irrisórias marrécas os bustos mais aparentemente voados de esvelteza...» Mas porquê lhes falo nisto a proposito da minha heroina?... Barbey d'Aurevilly, se ainda vivesse e pudesse vê-la, achar-lhe-ia inequivocas semelhanças com a «*petite*

masque» do seu conto: O MAIS BELO AMOR DE DON JUAN. Como outros batem os dentes, tranzidos de frio, tremia-lhe o corpito, *tranzido de angustia*, acocorada contra a cadeira de palha, onde se estorcia o bichano, já tocado de morte. Mas de repente pôz-se de pé, maquette em bronze com olhos negros entornando-lhe uma noite livida em todo o rosto, e um grande grito crispou a trivialidade da Hora, solemnisando-a:

— Mamã! mamã! Morreu o «taréco»!... Aquella figura de creança, talvez bonita, em todo o caso, a fisionomia mais gesticuladoramente precóce que tenho visto, carpindo, sinceramente, a agonia do seu gato amarelo, no meio do horrivel assobio das cousas circundantes, jamais me sahirá da memoria. Sete annos passados, ainda me persegue nas minhas alegrias, recriminando-m'as. E agora mesmo o *seu* bandó de cabelos doentes, a *sua* expressão carrancuda de pequeno bronze me aparecem por detraz d'aquele satyro barbudo, ali em cima da meza de marmore rosa, *fazendo olho* á patuscada de sereias que se lhe estramálha em redor... Será a minha ultima *visão* da vida, quando me suicidar...

— Deliciosa agua-fórte, meu caro, concluiu E. F. Ahi tem você pretexto para uma das

suas *impressões*. Escrêva-a depressa e faça-a correr mundo com este titulo *absurdo*, espanta-filisteus: «Elegia sobre uma janela d'agua furtada».

Janeiro de 1919.

II

MEDALHÕES DO SECULO XX

PERFIL D'UMA POETISA

A phrase de Mallarmé, esse Grande Iniciado dos mysterios do Ritmo: «*Toute âme est une melodie, qu'il s'agit de renouer,*» podia Esmeralda de Santiago increvê-la, *brochée d'or et d'azur,* no portico dos seus sonetos, reunidos ha pouco no volume a que, n'uma conturbadora intenção de sinthese psychica, deu o nome de «Triste».

Porque em cada verso, que a sua sensibilidade heraldica de Mulher esculpe no papel, com o amorosissimo enlevo d'um oleiro d'arte historiando ao de redor d'uma faiança flores de pawlonia e folhas de cicladium, sobre que aves poisam com frémitos de ante-manhã nas azas d'iris, — porque em cada verso, Ella *renova a sua melodia.* E percorrêmos assim as 60 paginas do seu livro com a sensação analoga á que experimentariamos assistindo á execução em musica de camara d'um espiritual concerto, em que as tonalidades côr de cinza de certos *lieder* se entrelaçassem e se

confundissem com as scintillações escarlates ou verde-d'agua de extranhas *sonatas*.

A poesia moderna, d'este nosso Seculo tão ulcerado de incertezas, de fulvo querer e não-querer, de paresias e arranques, em que os espiritos, naufragos no oceano de trévas da vida, sentem como uma espécie de sádica alegria em fazer autos-de-fé de tudo o que *era* puro, de tudo o que *era* santo ; d'esta Hora pânica em que a melinite e a dinamite régem o mundo com o despotismo sombrio de fatalidades mythicas, torsionarias, possessas de sangue e gritos;—a poesia moderna está bem longe de ser a donzelita neutra, de cabellos entrançados á Gretchen e carmezins plebeus nos dedos de lavadeira, engonçada em anjo de cirio da Atalaya, que um cavalheiro de pera e olhos d'hulha, languido-ferózes, com uma sobrecasaca desenxabida de chefe de gabinete, demissionario, mimando gestos de crômo, bestiagas, abeirava preciosamente do sarcófago aberto d'um pianno, contra que um dorso cogitava, perplexo entre violar a esquiva Eléctra de sons adormecida lá dentro ou mandar a todos os diabos a «sociedade», e depois de reverenciar donas e chechisbéos, convidava a que rompesse a represa de rímas que a turgescia, como um ventriloquo *fazendo dizer* aos seus bonecos : «*papá!... mamã!...*»

Ah, o cavalheiro de pera trocou o seu septacordio de buxo pela somnolencia opaca da vida administrativa, em que toda a personalidade estruge com o fracasso d'essas carruagens que atravessam, tintinabulantes de guizos, a sedativa quietude das cidadesinhas de provincia, e resignado com não ter merecido a Gloria, vae descançando a imaginação na fôfa almofada d'uma espectativa de bôa reforma... E a boneca fallante algum creado histéro-romantico reduziu-a a pedaços para ageitar-lhe em lampadario a cabeça de cartão, como Lord Byron fez do craneo d'uma rapariga loira que elle amou...

Quem contemporaneamente ainda appareça a entornar na âmphora dos versos o vinho leve ou capitoso da sua emoção, força é que em cada globulo de sangue que lhe passeie nas arterias, em cada fibrilha dos seus nervos, *viva* a sortilega hipnóse d'aquella *Art poétique*, de Verlaine:

De la musique avant tout chose...

De la musique encore et toujours!
Que ton vers soit la chose envolée
Qu'on sent qui fuit d'une âme en allée
Vers d'autres cieux à d'autres amours

Poesia de confidencia e de bocca a bocca,

sóbria e cheia de reflexos como uma vaga de mar alto, á lua, ora descendo sobre as almas com a grande paz de um céu de outubro, ora silvando-as em crispações velho-bronze de loucura, — Esmeralda de Santiago é das sensibilidades femininas da nossa raça, oxidada de elegias, nostalgica de sol entre todo o oiro dos julhos, a que mais fundamente a comprehendeu e sentiu.

Se folheio o seu livro—evangeliario de Dôr e Amor, em que a sua Alma, peregrina de martirios, ajoelha ante a pedra d'ara d'um Sofrimento qúe bemdiz, — se folheio o seu livro quase todos os sonetos que o compõem, veem dizer-me que não érro classificando-a como a Marcelline Valmore das Letras Portuguezas. A' maneira da Grande Franceza, de quem Michelet escreveu: «Le sublime est votre nature», Esmeralda de Santiago pode ser definida pela palavra que mais frequentemente emprega.

O seu verbo é, tambem, «amar».

E é este o leit-motivo de Belleza, de Côr e de Graça que fulguralmente faz do «Triste» — um catecismo d'Alma.

Maio de 1918.

GUILHERME SANTA RITA

— MAQUETE EM TERRA-COTA —

Guilherme Santa Rita, que o despeito caraïba de um jornal, no peixe-e-carne de um dos seus *menus* necrológicos, apostila jogralmente de «um dos mais entusiasticos cultores *dessa coisa que se chama para ahi o futurismo*», — Guilherme Santa Rita era por dentro e por fóra um Artista, um representante legitimo d'essa especie de *exilados*, sempre feridos pelo gume das cousas circundantes, sobrepairando numa atmosphera de abstracções e desdens, ao mesmo tempo fálhos e complexos, argila e chamma, que a Vida pulveriza, como as creanças malignas as azas das borboletas.

Com a sua figura grácilmente exangue de fim de raça, com a sua voz, que ora parecia *ter remorsos de falar*— voz de himoptise, a extinguir-se; ora fazia parar na rua, no mosaico d'um café, no simulacro de gruta d'um *hall* de exposições, onde certos visitantes vão e veem como peixes mortos boiando á flor d'agua d'uma piscina, — fazia deter, com tim-

bres angulosos de cristaes a partir-se, anatomias ruminantes de bons-senhores *effarés*; com o seu perfil de caule em que as andainas-saccos de *kappelmeister* maniaco, *acintosamente* mal aprumadas, evocavam cerimoniaes mysticos de catafalco; com os seus cabellos d'um castanho tranzido de escuro, dir-se-hiam molhados sobre a fronte d'um palôr de camelia branca, como aves da noite que congelassem contra uma estatua de ephebo n'um jardim; com os seus gestos hiper-inquietos, estridentes, chariváricos, *ilustrando* os dialogos com a vertigem d'um Claude Monet fixando na tela o bailado loïe-fulleresco dos tons; — Santa Rita era a demonstração viva, a contra-prova faiscante d'este aforismo de Baudelaire: «*on peut vivre trois jours sans pain, mais on ne peut passer un jour sans poésie.*»

Quem uma vez tocasse o tabernaculo da sua intimidade, acceitasse o convite que elle cavalheirescamente fazia para um *passeio d'Arte* por entre as acacias da Avenida, nalgum entardecer de láca de Florença ou, ás noites, quando os ventos ulúlam os seus leit-motivos de pavôr, forçosamente havia de reconhecer que calcurreava a par *d'alguem* muito differente do *homo vulgaris*, «sacco de comida», que Vinci lançou ás féras dos seus sarcasmos teogónicos e neste paiz dos ceus de

porcelana, patria bem amada da mesmice, os *aristos das letras* reeditam; *d'alguem* que nos dominios da Emoção e do Pensamento os fados sagraram gran-senhor e que era como uma antêna plurivibratil, hallucinatoria, aonde prendiam todos os fios de todas as exquisitezes da sensibilidade moderna.

Elle era, como quase todos os espiritos *inéditos*, um intoxicado d'Arte, possesso da necessidade de drapejar aos quatro ventos a toxina que o esperecia. Razão porque muitos dos seus conhecidos o achavam extravagante, bizarro e manifestavam ante a sua expansibilidade radiosa o espanto colerico da mosca que não pode atravessar a placa flamejante d'um vitral e *não sabe porquê*.

Que fosse possivel existir quem nesse asylo da mendicidade que é, em Lisboa, a chamada «róda» dos intellectuaes, stalactites de café, onde a sua intelligencia, uma vez ou outra, condescendia em apparecer, talvez para se documentar sobre não sei que humoristica compilação dos usos e costumes dos fósseis,— que fosse possivel existir quem, entre *superiores* e *idealistas*, dispensasse *la poésie* nas 24 horas chloroticas ou congestivas do dia-a-dia, eis contra que Santa Rita protestava com as mais agudas das suas interjeições, agitando em elypses de mofa os longos dedos piciolados

de violinista tisico, os seus dedos de bôa linhagem, cheios de expressão, vozeantes d'alma, feitos, como os de Jean Lorrain, para o ritual lumínico das joias...

E nada mais divertido do que assistir então aos esforços dos sapos tentando alcandorar-se aos cimos em que o meu querido pintor goticisava vôos. Inestimaveis melharucos de sonetos luzitanos, poedôres mecanicos de versos coloristas, mais ignorantes do que cavalariços, querendo vêr no analphabetismo a marca da originalidade e com desdens de guardas-portões pelos que estudam; prosadores de noticias d'annos; pinturrécos sem palêta, que enchem os *godets*, quando muito de anilina; rodins de farinha triga, que quando fazem *bonzos* pretendem que os aceitêmos como *bronzes* e quando contornam musculos sugerem apenas meias-gravidezes... ah, como toda esta companha de surdos-mudos do espirito, se não adergava convencêl-o de que não dispensava o *tal ideal*, tirava depois a feminil vingança, tratando-o de maluco e de lunatico, em conciliabulos de mastins!

«Guilherme Santa Rita estudou em Paris como pensionista do Estado», tagarela um ganimedes de *folha... d'alface*.

Parabens, seu compadre!

Deixou Santa Rita, como pintor, alguma

obra de peso, um consideravel quadro, uma insexual *pochade,* a famosa maquina pictural, em summa, de horroroso estylo *pompier*, que tanto repugnava á sua apurada estesia e para cuja execução o Estado o pensionava?

Não, amigos. De resto, dispersava força neurica demais em projectos maravilhosos, em concepções imprevistas, em imaginações faúlhantes para poder materialisar o que projectava, o que concebia, o que imaginava.

Diz alli, na minha estante, o *Homem de genio obscuro*, de Fialho: «Entre a intrepidez dos meus ideaes artisticos e a mesquinharia dos meus recursos picturaes, ha um abysmo de impotencia de que não quero dar prova aos meus contemporaneos.» E ouço a voz de Oscar Wilde, seu vizinho de prateleira, a responder-lhe, com esse gesto de desencanto apolineo, tão perverso, que punha azas de grifo no lirismo azul dos seus olhos: « *Voulez-vous savoir, dear, le grand drame de ma vie? —C'est que j'ai mis mon génie dans ma vie; je n'ai mis que mon talent dans mes oeuvres.*»

O seu culto enthusiastico *por essa coisa a que se chama para ahi o futurismo!* Encantadoras irreverencias da inépcia!

*

* *

Uma noite, na *brasserie* do Largo de Santa Justa, esperavamos ambos, com duas conservadoras chavenas de café, ver surgir a silhueta eminentemente caracteristica do Fernando Pessôa, em que se justapõem e quase se intersécionam bem inequivocas reminiscencias da velha Mademoiselle, da *Germinie Lacerteux* e do Adrien Sixte, de Bourget.

Santa Rita, fixos em mim, anciosamente, os seus olhos de pedra preciosa, tinha-me revelado já a sua adoração pelo futurista hespanhol Picasso, esse Bonaparte da *réclame*, grande industrial do Genio; falára-me de Severini, de Boccioni, de Russolo, do seu admiravel quadro *A Revolta*, verdadeira epopeia paroxistica do Movimento, toda em *linhas-forças* de uma intensidade jamais egualada; de Robert Delaunay e das suas *planches* tão ruivamente *réussies*; das predilecções futuristas, evidentes no ultimo livro d'essa bacchante scénica de d'Annunzio, *Forse chè si, forse che no*, d'uma fantasia rica de tapete d'Oriente... Eu, que lêra na vespera os *manifestos* de Marinetti, extasiava-me ante a phrase celebre, archetypica d'esse rapsôdo

presciente do *Hoje* dinamico da Arte: «Um automovel de aluguer é mais formoso que a *Vitoria de Samotracia.*»

Mas Fernando Pessôa não aparecia a darnos o *bonbon fondant* da sua conversa, tão eleganciada de flexuosidades mentaes, perspectivando céus tiphicos de inauditismos, como a d'um Walter Pater que praticasse a horoscopia...

Já na despedida: — até amanhã —, um de nós lançou o nome de Paul Cézanne, o *precursôr* odiado e vilependiado.

Meu pobre Santa Rita!

N'este momento em que tento em vão, com a greda das palavras, esculpir o teu perfil na memoria dos que te estimaram e procuro, para o completar, na galeria dolorosa dos teus Antepassados do Pincel, um equivalente do teu espirito e da tua emoção, — é o nome de Paul Cézanne que pronuncío. Como elle, Christo resignado do insuccesso, vejo-te morrendo, na ante-manhã da existencia, entre os chascos vermelhos da canalha.

Maio de 1918.

A LITTERATURA DO TEDIO E DO ORGULHO

(A PROPOSITO DA «VIA SINUOSA», DE AQUILINO RIBEIRO)

— «Certos periodos longos de Walter Pater fazem lembrar esses athletas da lucta greco-romana, que parecem extenuados, *vencidos*, na areia do *ring*, sob a pressão do adversario, mas que de repente, com um esvelto sobresalto de musculos, se escapam, p'ra recomeçarem um *corps à corps* mais vehemente...»

Estas frases dum ensaio d'esthopsychologia, todo em flamejantes colgaduras dum scientísmo á Taine, que Emilio Freire-o Emilio (como elle era conhecido entre os Charles Demaillys, que se aqueciam ao lume faúlhante do seu espirito) me declamou uma noite, num *café* de jornaleiros, á Praça da Figueira, por um phantastico dezembro d'agua e bruma; estes restos dum estudo *avorté* sobre esse Van Dyck da Prosa que com as tintas da mais mediterranea suavidade benemerenciou dos seus *Retratos Imaginarios* as nossas almas mendigas de Sonho, — abeiram-

me a memoria ao escrever este nome : Aquílino Ribeiro, que tu, leitor, talvez desconheças por jamais o teres encontrado nesses «programas de corridas» que são a historia dos partidos politicos da lusa *demagaguez*, em que os bandarilhantes de hontem são os bandarilhados de hoje e *toros y espadas* se defrontam, co'as pupilas ascuantes de... mentiras.

Com o seu estylo de clarescuros e reflexos, magnificado de todos os outubros — âmbar da expressão, ora *vozeante* de panicos como chymeras de estampa japoneza, ora luzindo a prata lavrada dum amanhecer de floreal fazendo mais alta a voz dos repuxos nos jardins; com a sua estesia d'azas prismáticas de borboleta, fôram os Goncourt que primeiro acordaram a palavra impressa do seu somno milenario no tumulo egypciano das paginas, transfundindo-lhe o sangue rico que fremia Côr e Loucura, Imprevisto e Sonho pelas galerias de Louvre das suas arterias. Elles que primeiro envolveram em fantasmagorias lucilantes de crépes da China a nudez *systematicamente* ameijoenta das fráses de romance, fazendo da literatura uma especie de perturbadôra Loïe-Fuller, endemoninhando-a de todo o tédio e todo o orgulho que trouxe ás almas a deliquescencia civilizante do *oitocento*.

A literatura do tédio e do orgulho... eis a syntese-ogiva, o remate-joalheria dum cyclo de sensitividades, qual mais possessa de egodulia, qual mais tauxiada de desprezo, irrompendo em architéturas goticas de imagens, em heraldicos tyrsos de conceitos, em milagrentas justaposições de rythmos, do *humus* fumante da linguagem.

Em Portugal, d'entre os escritores das denominadas gerações novas, apenas de quatro dou razão que para o estofo rubenêsco dos seus periodos dóbam o fio pluri-nuançado das ultra-modernas expressões, gesticulando, trepidando com um rytmo de meninges em accesso pernicioso, — esta radiosa *teratologia do dizer* constituindo ao mesmo tempo a marca do verdadeiro Artista e a decretal que para todo o sempre o separa d'esses sanfonineiros giganteos de in-oitavos psycho... phobos, que, com o mais absoluto descaso da colaboração feminina, se deitam a estracinhar em coração de mulher, como megarefe em coração de rez.

Dos escritores novos, como disse, apenas de quatro dou razão: Villa Moura, Antonio Patricio, Aquilino Ribeiro e Sá Carneiro.

Villa Moura é o Meunier-prosista dos *Humildes*, pequena obra-mestra duma *vis* de dramatisação, flexuosa e segura, como só em

França atingiram Barbey d'Aurevilly, Villiers de l'Isle Adam, Guy de Maupassant e poucos mais; baixo-relevo em linhas do mais acabado ordenamento, de cujo tropel de gritos e scismas, de ofegancias e presagios se desnuda a figura de Francisco Pedro, dando do sarcasmo a fórmula presciente: o avêsso dum soluço, que surdina e se avigóra p'ra se estilhaçar, no desfecho, num casquinar de larva de hospicio.

«Depois de Fialho, que confiscou o genio, como será possivel produzir beleza?»—isto me dizia Emilio Freire, *na sua ultima carta*, na vespera de *desaparecer tragicamente*, engulindo a sicuta dum emprego publico.

O autor do *Serão Inquieto* realisa, ás vezes, nas suas paginas o milagre de, *apezar de* Fialho, revelar da beleza o perfil esquivo, duma eleusyana captivancia.

Tão visual como auditivo, as frases justapõem-se-lhe numa successão de versos decasylábicos, roçagando pepluns do mais apurado tálhe parnasiano, e que apenas interrompe, largo em largo, *propositalmente*, o coxixeio subversivo de duas ou trez palavras, bruscas, assonantes;—decasylabos que são já verdadeira musica que a nossa nostalgia bebe, apaziguada, como *oratorios de* Bach na meia-luz dum salão de palacio antigo, dando sobre

muros de rua velha, todo forrado de tapeçarias orientaes e quadros de Van der Weyden ou Thierry Bouts, com orquideas esfolhando-se em guéridons preciosos...

Tão auditivo como visual, para Antonio Patricio táras discursivas de vagabundos picarescos, delirios d'aguia velha e evocações de cortezãs, bizarrias enfeitiçantes de inglez spleenetico e a agonia-filigrana de crianças precóces, são pretextos de paysagens que elle perspectiva com um pincel imbuído de outomno e sóes em eclypse.

Mario de Sá Carneiro acrescentou ao seu *Ceu em Fogo*, ardendo em desváiro sumptuoso, como *fundos* de Moreau, o capitulo mais bello, mais rajado de elegancia-platina, talhando elle-proprio, como Nerval, o seu burel de Morte, na grande mascarada tintinabulante de Paris.

Aquilino Ribeiro apparece por vezes como um Mirbeau forrado de Bernardes. O mesmo nihilismo emotivo, esse anarquismo espiritual que ciclóna coleras teogonicas, mal embuscadas num *loup* de desdenhosa serenidade, pelos capitulos *d'O Calvario*, *do Jornal duma creada de quarto* e *do Padre Julio*, — eis o que encontra nas paginas da «Via Sinuosa», do escriptor portuguez, quem lá fizer leitura attenta, que não de somnéca ou passatempo.

E um tão flamejante «sistema de convicções», uma tão altivola «transmutação de valores», molda-a Aquilino Ribeiro, aqui e além, formando linhas e linhas seguidas, em estylo do mais polido seiscentismo em que dir-se-hia babillar a agua que faz mover os açudes na sua Beira de nichos e brumas mysticas; estylo sobrio, fino, como miniatura de manuscripto em bibliotheca capitular e que outra cousa não representa senão uma surriada de gávroche ás suas demais faculdades de ourives-joalheiro de seculo-vinticas expressões.

Porque este casamento do classico e do paroxismo moderno, sugerindo ádros de ermida que morrinhassem rés-vés de barulhentas *térrasses* de café, é das estatuetas mais belas da sua catedral de prosas coloristas.

Uma reminiscencia do buril de Walter Pater, o Memling do *Dénys l'Auxerrois*, passa no luzimento de certos periodos seus, voluptuosamente longos, e eu não hesitaria em reacender todas as caldeiras dos meus nervos, para fixar-lhes interpretação adequada, se Emilio Freire o não tivesse feito já, para o suave Mestre inglez, com o seu bruxo poder de plasticisação.

Talvez pretendam agora que eu lhes diga o entrecho da «Via Sinuosa» e o geito e os cen-

timetros de altura que usam os personagens nella evocados... *A d'autres!*

Verdadeiro filho do seu seculo, soffrendo a fatalidade da analíse como d'uma chaga que nunca fecha, os personagens de Aquilino Ribeiro são os teus conhecidos, caro leitor e são os que eu conheço, são os que te vendem e os que me tráem e os que tu proprio vendes tambem e tambem eu traio ; são os ridiculos e os sublimes, os pulhas e os idealistas, os pusilanimes e os audaciosos, os falhados e os triumphadores, que batalham e gesticulam, réptam e curvam a cerviz, mercadejam e choram de alegria ante um ramo de lilazes n'um copo, amam e esquecem logo, dentro do carcere de cada um de nós, em horas contrapostas, conforme os ventos, se ha chuva ou se faz sol...

O que importa, pois, dum Artista é como elle vibra ante a paysagem, e se a elegancia é a intelligencia da Mulher, d'elle poder dizer-se: — é um paysagista! tanto vale conferir ao seu sentimento a elegancia suprema.

Orgulha-me poder garantir a Aquilino Ribeiro: de extremo a extremo, o seu livro é—Renoir escrito.

Setembro de 1918 a Janeiro de 1919.

INDICE

I

O Claustro das Imagens..... 9
Aquela velha..... 11
Phrases a proposito d'um onanista..... 23
Balada humoristica dos jardins..... 31
Carcel, musica e mulheres..... 39
Litanías d'um isolado..... 55
Aquelle homem de «box-coat»..... 65
O sentido das máscaras..... 75
Phantasia á maneira de Whistler..... 83
Mais uma historia de mulher..... 89
A apoteose da arvore..... 99
O sr. Brava..... 105
O retrato de medalha..... 115
A Africa rizivel..... 125
Elegia sobre uma janela d'agua furtada..... 131

II

Medalhões do seculo XX..... 145
Perfil d'uma poetisa..... 147
Guilherme Santa Rita..... 153
A litteratura do tedio e do orgulho..... 163

ERRATAS

Pag. 119 — voz *contaricada* — por — voz cantaricada.

» 151 — *De la musique avant «tout» chose* — por — *De la musique avant toute chose.*

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND
73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

PROSA E VERSO (paginas escolhidas), tomo I, por ALBERTO D'OLIVEIRA.
1 vol. br. ..... 1$20
Enc. ..... 1$80

VIA SINUOSA, por AQUILINO RIBEIRO.
1 vol. br. ..... 1$20
Enc. ..... 1$80

TERRAS DO DEMO, por AQUILINO RIBEIRO (2.ª edição).
1 vol. br ..... 1$20
Enc ..... 1$80

No prelo:

SALOMÉ, drama, por OSCAR WILDE.

D. JOÃO, poema, por JOÃO DE BARROS.

CRAVEIRO DA JANELA, quadras, por AUGUSTO GIL.

SERÃO INQUIETO, contos, por ANTONIO PATRICIO (2.ª edição).

ALBA PLENA, poema, por AUGUSTO GIL (2.ª edição).

PEDRO O CRU, drama, por ANTONIO PATRICIO (2.ª edição).